



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

AIANE CINTHIA FREITAS DA SILVA

**PRÁTICAS DE LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA NAS SÉRIES
INICIAIS: Análise na Escola Municipal de Ensino Fundamental
São Tomé em Itaituba- Pará**

ITAITUBA/ PA
2019

AIANE CINTHIA FREITAS DA SILVA

**PRÁTICAS DE LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA NAS SÉRIES
INICIAIS: Análise na Escola de Ensino Fundamental São Tomé
em Itaituba- Pará**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA

2019

SILVA, Aiane Cínthia Freitas da.

PRÁTICAS DE LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS: Análise na Escola de Ensino Fundamental São Tomé - em Itaituba- Pará.: CLPL da FAI, 2019

67 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2019.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

1-Educação Infantil. 2-Dificuldades de escrita. II- CRUZ, Lucia Maria da Costa. Faculdade de Itaituba. Itaituba- Pará- 2019.

ACADÊMICA: AIANE CINTHIA FREITAS DA SILVA

PRÁTICAS DE LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS: ANÁLISE NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO TOMÉ EM ITAITUBA- PARÁ

Monografia de Graduação apresentada para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Profa. Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 01: _____ Nota: _____

Prof. Marcio da Silva conceição, Me.

Avaliador 02: _____ Nota: _____
Profª Raimunda Bestes, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 27 de Março de 2019.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais Cícero Pereira da Silva e Antônia Freitas da Silva; aos meus irmãos Adrielly C. Freitas e Pietro Henrique da Costa, por me proporcionarem forças quando eu estava a fraquejar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom e por me amparar em todos os momentos e por ter me proporcionado a felicidade para eu chegar até aqui;

À minha família por toda a dedicação, incentivo e paciência por todo esse caminho que eu percorri na faculdade;

Agradeço aos professores que se fizeram presentes e estiveram sempre dispostos a ajudar que eu pudesse ter sucessos e especialmente à minha profa. Gislainy Ferreira Fernandes, que acima de seu profissionalismo, foi mais que professora, tornando-se amiga;

Meus agradecimentos à minha orientadora e professora Lucia Maria da Costa Cruz, que não mediu esforços para que eu chegasse a este momento;

Agradeço ao professor, Dr. Francisco Claudio, coordenador do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, por todo empenho, carinho e dedicação com todos, buscando sempre o sucesso e a vitória;

Às minhas amigas amadas que carrego em meu coração, Aline ribeiro, Kelly Cristina, Priscila carvalho, Vilanir Cristina e Rosana Marques, pois sem as suas ajudas, esta conquista seria mais difícil;

Aos meus queridos avós José lima (In Memoriam), Rita da Silva (In Memoriam), e ao meu maravilhoso avozinho Antônio Otávio (In Memoriam), que em vida me amparou, me amou e deu carinho e atenção, com todas as forças do seu ser;

Agradeço também à minha irmã Amanda Rocha, por toda parceria, companheirismo e união; sou grata por cada palavra que acalma e tranquiliza o meu coração;

Enfim, agradeço a todas as pessoas que me proporcionaram de interação e motivação, além de incentivos em todo o processo desta etapa decisiva da minha vida.

“Escrevendo ou lendo nos unimos para além do tempo e do espaço, e os limitados braços se põem a abraçar o mundo; a riqueza de outros nos enriquece a nós”

(Agostinho Silva)

RESUMO

O presente trabalho intitulado “Práticas de leitura, oralidade e escrita nas Séries Iniciais: Análise na EMEF São Tomé em Itaituba- Pará”, teve como objetivo analisar os desafios de leitura, oralidade e escrita do Ensino Fundamental, especificamente séries iniciais. Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica com teóricos específicos como (ALIENDE, 2005), (BRASIL, 1998), (FIORIN, 2008) (SOARES, 2013), (TIBA, 1996), (VYGOTSKY, 1989), dentre outros; e de uma pesquisa de campo com a abordagem qualitativa, através questionários para entrevistas individuais com professores da referida instituição, no período da segunda quinzena outubro de 2018. Para chegar-se aos resultados, foi necessária a coleta e análise de dados, as discussões e comentários, como também as propostas para aprimorar o trabalho dos docentes na escola. O trabalho foi estruturado em três capítulos distintos e procurou-se responder as questões que direcionaram os mesmos: Quais as principais dificuldades no ensino da leitura, escrita e oralidade? Quais metodologias são utilizadas para o ensino aprendizagem? A escola está preparada para superar estes desafios e dificuldades? Assim, verificou-se que os desafios da escrita e oralidade nas séries iniciais do Ensino Fundamental, são ocorrentes, como também as práticas pedagógicas dos professores e a contribuição da família para este processo deve ser revistos.

PALAVRAS- CHAVE: Educação infantil. Dificuldades de escrita e Oralidade. Letramento

SUMARY

The present work entitled "Reading, oral and written practices in the Initial Series: Analysis at EMEF São Tomé in Itaituba- Pará", aimed at analyzing the reading, oral and written challenges of Elementary School, specifically initial series. It was a bibliographical research with specific theorists as (ALIENDE, 2005), (BRAZIL, 1998), (FIORIN, 2008) (SOARES, 2013), (TIBA, 1996), (VYGOTSKY, 1989), among others; and a field survey with the qualitative approach, through questionnaires for individual interviews with teachers of that institution, during the second fortnight of October, 2018. In order to arrive at the results, it was necessary to collect and analyze data, discussions and comments, as well as proposals to improve the work of teachers in school. The work was structured in three distinct chapters and sought to answer the questions that directed them: What are the main difficulties in teaching reading, writing and orality? What methodologies are used for teaching learning? Is the school prepared to overcome these challenges and difficulties? Thus, it was verified that the challenges of writing and orality in the initial grades of Elementary School are occurring, as well as the pedagogical practices of teachers and the contribution of the family to this process should be reviewed.

KEY WORDS: Children's education. Difficulties in writing and orality. Literature

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Você tem dificuldades para ensinar a leitura e escrita para as crianças? Comente.....	50
QUADRO 02	A escola está preparada para a alfabetização de seus alunos? Fale sobre.....	51
QUADRO 03	Quais metodologias são mais utilizadas nas aulas de escrita e oralidade?.....	52
QUADRO 04	Os pais contribuem com a educação dos filhos? Justifique sua resposta.....	53
QUADRO 05	Quais tipos de atividades coletivas são promovidas para o ensino aprendizagem da escrita e oralidade dos alunos?.....	54
QUADRO 06	Quais são os desafios dos professores para o ensino aprendizagem das crianças, condizentes à escrita e oralidade?	55
QUADRO 07	As crianças já apresentam uma oralidade concebida no ambiente familiar, eficaz para ser complementada no ambiente escolar? Comente.....	56
QUADRO 08	Faz-se necessário uma prática pedagógica docente, com eficiência para que a criança tenha conhecimentos de leitura e escrita nas séries iniciais? Fale sobre.....	57
QUADRO 09	O lúdico é trabalhado como metodologia para a	

	aprendizagem das crianças? Justifique sua resposta.....	58
QUADRO 10	Como superar os desafios educacionais nas séries iniciais ao tratar-se da escrita e oralidade.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 AQUISIÇÃO DE LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA	14
1.1 PRÁTICAS DE LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA NA SALA DE AULA.....	14
1.2 ORALIDADE E ESCRITA: PARALELAS QUE SE CRUZAM.....	18
1.3 AS TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....	21
1.3.1 Teoria do Comportamentalismo (Behaviorismo).....	21
1.3.2 Teoria Inatista.....	24
1.3.3 Teoria Cognitivista.....	26
1.3.4 Teoria Interacionista	28
2 A PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	33
2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	33
2.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	36
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO ..	39
2.4 LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	43
3 DESAFIOS DA LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NAS SÉRIES INICIAIS : ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO TOMÉ EM ITAITUBA- PARÁ	48
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA	48

3.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.3	PERFIS DOS ENTREVISTADOS	49
3.4	RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	50
3.5	PROPOSTAS DE INTERVENIÊNCIAS	60
	CONCLUSÃO	61
	REFERÊNCIAS	62
	APÊNDICE	65

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulados “Práticas de leitura, oralidade e escrita nas Séries Iniciais: Análise na EMEF São Tomé em Itaituba- Pará”, objetivou analisar esses desafios através dos professores que lidam diariamente com os alunos e os principais fatores que proporcionam estas dificuldades. Foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica com autores especialistas e uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, sobre as dificuldades de escrita e oralidade nas séries iniciais do Ensino Fundamental, na EMEM São Tomé em Itaituba- Pará, na segunda quinzena de novembro de 2018. Foram entrevistados cinco professores que trabalham na referida escola, que expuseram suas opiniões em relação ao tema investigado.

Dessa maneira, uma grande lacuna de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental em consequência de um grande número de alunos com dificuldades em aprendizagem, especialmente na leitura, escrita e oralidade, interferindo no futuro desenvolvimento cognitivo, acadêmico e social.

As questões que nortearam este trabalho, consistem em: Quais as principais dificuldades no ensino da leitura escrita e oralidade? Quais metodologias são utilizadas para o ensino aprendizagem? A escola está preparada para superar estes desafios e dificuldades?

Na escola a aprendizagem também é um processo natural e a criança é exposta a uma atividade mental complexa envolvendo a percepção, as emoções, o pensamento e a motricidade, potencializado por meio do aprendizado da escrita e leitura, permitindo ao aluno acesso a todas as áreas da cultura. De uma maneira geral, a alfabetização é definida como o aprendizado que se define como a identidade humana.

Para tanto, foi necessário relizar uma pesquisa com questionários individuais em forma de entrevistas, seguido da coleta e análise de dados, discussões e comentários para cada questão individualmente; com as propostas contribuintes, a conclusão e os referenciais bibliográficos utilizados.

O referido trabalho e foi estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo, aquisição da linguagem oral e escrita; aquisição da linguagem oral; oralidade e escrita; paralelas que se cruzam; variabilidade da aquisição da linguagem escrita;

as teorias da aquisição da linguagem; teoria do comportamentalismo (behaviorismo); teoria inatista; teoria cognitivista; e teoria interacionista.

O segundo capítulo, ressalta um olhar diferenciado e os desafios da aprendizagem na educação infantil, o professor e suas práticas pedagógicas e metodologias que contribuem para a escrita e leitura nas séries iniciais.

O terceiro capítulo, traz o resultado a pesquisa, com a caracterização da escola pesquisada, os procedimentos metodológicos, os perfis dos entrevistados, a análise com a coleta, dos dados, com a discussão e comentários; seguido das propostas contribuintes para o trabalho do professor e a conclusão, com as referências bibliográficas

Numa perspectiva social, é por meio da escrita que há a possibilidade de se contribuir para a evolução humana na área do conhecimento, através de registro das informações, que proporcionam o estabelecimento e a construção destes. Assim, ao superar-se as dificuldades por estratégias adequadas, ocorrerá oportunidades e perspectivas para o desenvolvimento de quem busca o conhecimento no ambiente escolar.

1. AQUISIÇÃO DE LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA

1.1 PRÁTICAS DE LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA NA SALA DE AULA

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização da criança e, na maioria das vezes, é efetuada explicitamente pelos pais através de instruções verbais durante atividades diárias, assim como através de histórias que expressam valores culturais. Santana (2010) colabora com essa ideia e afirma ainda:

A socialização através da linguagem pode ocorrer também de forma implícita, por meio de participação em interações verbais. Desta forma, através da linguagem a criança tem acesso, antes mesmo de aprender a falar, a valores, crenças e regras adquirindo os conhecimentos de sua cultura. (SANTANA, 2010, p. 80)

À medida que a criança se desenvolve, seu sistema sensorial, incluindo a visão e audição, se torna mais refinado e ela alcança um nível linguístico e cognitivo mais elevado, enquanto seu campo de socialização se estende, principalmente quando ela entra para escola e tem maior oportunidade de interagir com outras crianças.

Na aquisição da linguagem, o método como se desenvolve a língua, como se adquire as primeiras palavras, a fala, enfim, é tudo um processo, embora natural, é longo e difícil. O começo dessa aquisição seria o primeiro choro da criança ao nascer.

Vygotsky citado por Filatro (2008), afirma que o desenvolvimento da linguagem, duas fases distintas podem ser reconhecidas: a pré- linguística, em que são vocalizados apenas fonemas sem palavras e que persiste até aos 11 e 12 meses, e, logo. A seguir, a fase linguística, quando a criança começa a falar palavras isoladas com compreensão. Este processo é contínuo e ocorre de forma ordenada e sequencial com sobreposição considerável entre as diferentes etapas deste desenvolvimento.

O processo de aquisição da linguagem envolve o desenvolvimento de quatro sistemas interdependentes: o pragmático, que se refere ao uso comunicativo da linguagem num contexto social, o fonológico envolvendo a percepção e a produção de sons para formar palavras, o semântico, respeitando as palavras e seu significado e o gramatical, compreendendo as regras sintáticas e morfológicas para combinar palavras em frases compreensíveis. (BERBERIAN, 2009,p. 78)

Nessa perspectiva, a autora supra citada afirma que os sistemas fonológico e gramatical conferem à linguagem a sua forma. O sistema pragmático descreve o modo como a linguagem deve ser adaptada a situações sociais específicas, transmitindo emoções e enfatizando significados.

As crianças em processo de aprendizagem de uma língua materna utilizam-se de vários métodos para se expressarem, como através de uma linguagem não-verbal, com expressão facial, sinais, e também quando a criança começa a responder, questionar e argumentar.

Essa competência comunicativa reflete a noção de que o conhecimento da linguagem a determinada situação e a aprendizagem das regras sociais de comunicação é tão importante quanto o conhecimento semântico e gramatical.

As dificuldades de aprendizagem, podem ocorrer quando existem, retardo mental, distúrbio emocional, problemas sensoriais, ou motores, ou, ainda ser acentuadas por influências externas, como, por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente ou inapropriada. Desta forma fica claro que o uso da língua como forma de expressão e comunicação entre as pessoas, à linguagem não é somente um conjunto de palavras faladas ou escritas, mas também de gestos e imagens. (SANTOS, 2012, p.49)

Mostrando que a mesma nada mais é que símbolos culturais internalizados e para chegar à utilização de frases e múltiplas palavras, o seu desenvolvimento passa por período, onde está perceptível o desenvolvimento.

Assim, ao nascer a criança não entende o que lhe é dito. Somente aos poucos começa a atribuir um sentido ao que escuta. Do mesmo modo acontece com a produção da linguagem falada. O entendimento e a produção da linguagem falada evoluem.

A aquisição da linguagem é o processo pelo qual a criança aprende sua língua materna, à medida que o indivíduo é estimulado pelo meio e também de acordo com suas capacidades neurológicas, emocionais e físicas. O desenvolvimento normal da linguagem oral garante um bom desempenho na aquisição da linguagem escrita. (SILVEIRA, 1992,p. 30)

Diante disto, desde o início de sua vida comunicativa, o homem busca novas formas de interagir tanto na escrita e na oralidade, mostrando que falar uma língua não depende de instruções específicas para tal fim. Por outro lado, ler e escrever depende da apropriação de informações formais, com instruções específicas, mostrando que o aprendizado da linguagem escrita representa um novo e considerável salto no desenvolvimento da pessoa. O domínio do sistema complexo

de signos fornece novos instrumentos de pensamento, na medida em que aumenta a capacidade de memória e registro de informações.

Por meio da linguagem, o homem se reconhece como humano, pois, ao comunicar-se com outros homens e trocar experiências, certifica-se de seu conhecimento do mundo e dos outros com quem interage. Isso lhe permite compreender melhor a realidade em que está inserido e o seu papel como sujeito social. (BERBERIAN, 2009, p. 14).

Diante do citado, é importante lembrar que o aprendizado da linguagem oral envolve não apenas a fala, mas também o entendimento, ou seja, ouvir com compreensão, mostrando que o uso mais formal da fala tem que ser trabalhado em situações reais, em que esse tipo de discurso faça sentido. A complexidade de qualquer sistema linguístico é capaz de dar a dimensão do confuso processo de aquisição da linguagem, já que adquirir uma língua implica o domínio dos diferentes aspectos constitutivos da gramática.

É importante deixar claro que para a criança aprender a ler e a escrever era preciso ter maturidade necessária e antes desenvolver a coordenação motora fina, as percepções visual, auditiva, olfativa e tátil. É interessante ressaltar que o desenvolvimento das linguagens oral e escrita envolve naturalmente, os sentidos da audição e da visão, o que, por outro lado, não impede que os portadores da ausência desses sentidos desenvolvam competências de fala e escrita, fato que só vem enfatizar o reconhecimento de que as capacidades comunicativas verbais são inerentes ao ser humano.

Em consonância com Possenti (2003), mesmo que o indivíduo desenvolva a competência de falar antes de aprender a ler e escrever, e mesmo que tenham existido comunidades ágrafas, atualmente, na sociedade letrada em que vivemos, saber ler e escrever consiste em uma competência fundamental não somente à questão, mas também ao bom convívio de modo geral. Sabe-se que não há dúvidas de que a capacidade de ler de modo crítico tornou-se indispensável aos indivíduos, transformando-se em um exercício essencial à realização de diversas atividades cotidianas.

Desde que começou a ser praticada, a leitura tem sido associada a escola em suas mais diversas formas e ocorrências. Em meados do século XVI, com o surgimento e o advento da imprensa, a partir de Gutenberg, o livro se tornou a principal fonte de textos escritos disponível para parte da população abastada

naquele momento, a habilidade da leitura não estava disponível para quem quisesse desenvolvê-la pois estava acessível somente a uma pequena parcela da sociedade. Somente nos séculos XVI e XIX, as práticas de leituras estiveram condicionadas às práticas escolares, as opções religiosas e ao crescente ritmo de industrialização.

No século XIX conhece um aumento no volume dos modelos de leitura em virtude do crescimento geral da alfabetização e do uso da cultura impressa por novas classes de leitores (as mulheres, as crianças, os operários). Passou-se o tempo e a leitura continua sendo um elemento determinante na sociedade atual para promover ou não alguém. No entanto aqueles que sabem ler, e compreendem e interpretam o que leem, acabam adquirindo prestígio e ocupando espaços privilegiados em nossa sociedade, utilizando a leitura para atingir seus propósitos: Melhores postos de trabalho e melhor formação acadêmica por exemplo.

Em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom. Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimento e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. (POSSENTI, 2003,p. 19)

Nesse sentido, a leitura abre um mundo de possibilidade aqueles que dominam essa competência, bem como praticamente exclui aqueles que não sabem fazer o uso da mesma. Discriminando-o cultural, econômico. Isso nos mostra que a leitura não é uma ação com fim em si mesma, mas uma capacidade, através da qual atingimos um determinado objetivo.

Desse modo, o domínio da leitura remete a interação em outras atividades, que dela dependem, fazendo com que o sujeito passe a existir e fazer valer a sua opinião. Isso ocorre porque quem tem domínio da competência da leitura é capaz de compreender o que leu, caso contrário, o indivíduo apenas decodificara o código escrito, já que compreender é estabelecer relações semânticas, ou seja construir sentidos.

O leitor constrói o significado do texto. Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha significado. O significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios que o aborda e seus objetivos. (SOLÉ, 1998, p. 22)

Nesse contexto, no seu dizer, a autora supracitada atribui ao leitor o papel de construtor do significado do texto lido. Mas é o autor quem atribui, a partir de uma série de pistas que são deixadas pelo autor, sentido ao que lê, é por isso que pode dizer que a leitura de um texto nunca tem o mesmo significado após a releitura do mesmo já que dependerá de quem a faz, em diferentes momentos de sua vida.

Seria muito provável que se os educadores investissem mais em conhecer palavras e cometê-las, ou seja, levá-las para uma realidade mais ampla, seria mais interessante pois assim o estudante não estaria preso a difração mais compreenderia facilmente qualquer texto. Isto ao qual estou tentando mostrar mão é nono, porém bem conhecido, principalmente, pelos professores. (SOLÉ, 1998)

1.2 ORALIDADE E ESCRITA: PARALELAS QUE SE CRUZAM

Vale ressaltar que tradicionalmente a linguagem escrita, ela é, mais organizada, mais sistematizada, mais complexa que a linguagem oral e estabelece que a distinção entre uma e outra está exatamente nesse aspecto. É importante que se diga que para compreender a diferença entre a oralidade e escrita, começa a partir da forma como elas se produzem, uma a partir da produção dos sons e a outra a partir da materialização de símbolos gráficos.

Por certo o que distingue então a oralidade da escrita fundamentalmente são os contextos sociais em que nós mediamos relações a partir de uma tradição mais oral ou mais escrita. Nas palavras de Soares (2008):

A aquisição da oralidade por parte da criança ocorre essencialmente em função do tipo da relação que esta estabelece com os adultos que cuidam dela. Mostrando que o sucesso da aquisição da fala por parte da criança vai depender totalmente do papel dos adultos que cuidam dela, em relação à criança e sua própria linguagem, mostrando que a partir do momento em que o mesmo a coloca dentro do diálogo, da manifestação que ela pode fazer de um determinado diálogo. (SOARES, 2008, p. 59)

Dessa forma, a criança passa a ser sujeito da sua própria linguagem e passa adquirir uma autonomia na sua fala, mostrando que fundamentalmente o sucesso da oralidade vai depender da forma como o adulto vai se colocar nessa relação, o mesmo deve se colocar de uma maneira construtiva.

A criança é um interlocutor e como tal diz coisas, mesmo que não oralmente, para serem escutadas, interpretadas e, portanto, para provocarem efeitos, alterarem o comportamento das pessoas que as cercam. A mesma diz coisas, com sentidos e significados, ela tem o que dizer, e se ela tem o que dizer, o adulto tem o que interpretar o que a mesma está dizendo, mesmo que ela não diga falando, ela pode dizer com o corpo, com o olhar e expressões, mostrando que não é uma tabua rasa e, que não tem significado aquilo que ela manifesta, pelo contrário tem sentido, tem significados e está aí para os adultos interpretar. Além disso, para SILVA (2007).

A fala dos adultos gera efeitos e sentidos sobre as crianças, tanto no que se refere a aspectos de seu desenvolvimento global, quanto da aquisição de sua linguagem, mostrando que a fala da criança tem que ser interpretada e compreendida, ressaltando que entre o adulto e a criança tem que haver diálogo. (SILVA, 2007, p.38)

Em outras palavras os sujeitos constituem sua linguagem da atividade dialógica, nessa relação dialógica e fundamental que adultos e crianças alternem seus papéis. Dessa forma, fica evidente que a relação dialógica é o elemento determinante da construção da relação da criança com o adulto, e também o elemento determinante na constituição da sua própria linguagem.

É essa ideia da relação dialógica que é essencial que para a criança avance no seu desenvolvimento da linguagem, que seus participantes troquem de lugar, onde a criança manifesta, o adulto interpreta, responde, o adulto manifesta, a criança interpreta; mostrando que a mesma também é capaz de interpretar determinado assunto, assim a criança poderá estar evoluindo no seu processo de aquisição da linguagem.

Ressaltando que a criança é alguém que tem algo a dizer, e o adulto deve emitir, e elabora interpretações a partir daquilo que ela diz dessa forma o mesmo poderá estabelecer com a criança uma relação dialógica o que é determinante para que ela possa avançar no seu desenvolvimento da oralidade.

Falar uma língua não depende de instrução específica para tal fim. Por outro lado, ler e escrever depende da apropriação de informações formais, com instrução específica. Contudo, tanto falar quanto escrever uma língua implica em criatividade e gerenciamento cognitivo relacionado ao conhecimento linguístico. Mas isso é muito diferente de incentivar o aluno fala. Isso vai além de uma convivência deve

haver muito esforço por parte dos educadores em mover espaços para os alunos expor seus conhecimentos de mundo diante dos seminários e de debates onde os mesmos passam a expor as suas ideias.

Diante do que foi apresentado, pode-se concluir que o ensino tradicional tende a trabalhar apenas com modalidade culta escrita da língua, não considerando a língua falada. Para isso, utiliza frases soltas, desconsiderando a situação comunicativa.

Ressaltando o que disse o autor supracitado que se expressar não corresponde só ao ato de falar, não bastando que os pais ensinam a criança a nomear e pronunciar as palavras corretamente. Para isso é preciso que ela aprenda a se comunicar, ou seja, a usar a fala na relação com os outros. Observa-se que numa sala de aula, há diferentes tipos de mentes e pensamentos, os professores devem agir e trabalhar de forma que aproveitem ao máximo a bagagem levada por cada um. Mesmo os tímidos têm muito a ensinar, pois o ser humano é dotado de ideias por isso a valorização individual deve acontecer sempre.

(...) a escola deve levar o aluno a atingir o desenvolvimento linguístico, entretanto os professores fragmentam o ensino quando o dividem em leitura e compreensão, estudo da evolução da leitura, gramática e produção textual. a segmentação não permite aos alunos refletirem e operarem sobre a linguagem, o que eles fazem inicialmente é ler/interpretar, e posteriormente, analisar a língua, ou seja, fazem atividades realizadas em momentos distintos que não os levam ao desenvolvimento da capacidade linguística. (CARVALHO, 2006, p.60).

Observa-se que desse modo a necessidade de aproveitar as diferentes competências comunicativas apresentadas pelos alunos de uma mesma turma em relação à manipulação dos modos de outras linguagens constitutivas da fala. Além disso, de acordo com Carvalho (2006) antigamente e também nos dias atuais, muitos educadores preferem a leitura, algo já impresso, pronto para expor aos alunos, para esses indivíduos, não há necessidade de organizar discursos e o que é lido mesmo não sendo um material bom, tira o peso das costas de quem vai o lê. Para muitos a escrita da segurança no momento da explanação ao público.

O trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição de fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva

1.3 AS TEORIAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

1.3.1 Teoria do Comportamentalismo (Behaviorismo).

De acordo com Berberian (2009), atualmente, o behaviorismo é mais associado ao nome de Burrhus Frederic Skinner, que construiu sua reputação ao testar as teorias de Watson em laboratório e formalizar alguns conceitos envolvidos nessas teorias. Os estudos desenvolvidos por Skinner o levaram a rejeitar a ênfase quase que exclusiva de Watson em reflexos e condicionamento. As pessoas respondem ao seu meio, dizia ele; mas elas também operam em seu ambiente a fim de produzirem certas consequências.

A metodologia desenvolvida por Skinner o chamado condicionamento operante, inclui os comportamentos que não estão diretamente associados a um estímulo específico.

A fim de testar suas ideias, Skinner conduziu vários estudos envolvendo ratos de laboratório e pombos em um tipo de gaiola que passou a ser conhecida como Gaiola de Skinner ou Câmara Operante. O objetivo de Skinner era condicionar a frequência com que o animal tocava a alavanca, a partir de sua necessidade de receber comida. (BERBERIAN, 2009, p.15)

Assim, ao serem colocados em jaulas, os animais eram forçados a passar fome a fim de que o alimento pudesse ser visto como uma espécie de reforço positivo a algum tipo de comportamento a ser aprendido, com base na ideia de que, ao ser privado de alguma coisa, o organismo reage de forma instintiva e tenta buscar uma forma de resolver seu problema.

Burrhus, (apud BERBERIAN, idem), relata que, durante o tempo que o pássaro esteve preso, ao movimentar-se pela jaula, em algum momento, sem qualquer intenção, acaba tocando com o bico na alavanca, um dispositivo responsável por acionar um mecanismo de fornecimento de comida que dá condições para que o animal possa alimentar-se. Após uma série de tentativas, o pombo finalmente 'aprende' a associar o toque com o bico no dispositivo com o recebimento imediato da comida e passa a sempre acionar a alavanca quando sente fome.

O autor denominou o primeiro toque do pássaro no dispositivo de operante livre uma vez que tal comportamento demonstrado pelo pombo é aleatório, desta forma ele aprende a repetir a ação para obter o alimento, esse comportamento se torna um operante condicionado, ou hábito. Ao estímulo utilizado que foi o alimento

para produzir o comportamento desejado no caso descrito acima, deu-se o nome de reforçador.

O autor salienta que mais do que uma resposta puramente fisiológica, um operante é uma classe funcionalmente equivalente, embora estruturalmente distinta, de resposta.

A concepção de aprendizagem defendida por Skinner pode ser facilmente utilizada para descrever situações comuns em nosso dia-a-dia. Se um pai ou mãe ou até mesmo um professor cede aos apelos de uma criança que chora e teima a fim de conseguir algo que o adulto havia anteriormente proibido, a criança aprenderá que o seu comportamento insistente lhe garante sucesso e consequentemente passará a sempre agir dessa forma quando quiser algo. (SOARES, 2008, p. 50)

Desta forma, ao contrário, se a criança não for recompensada pelos seus gritos e provocações, ela tenderá a abandonar esse comportamento e tentar outro tipo de reação a fim de atingir seu objetivo, uma vez que os indivíduos possuem a capacidade de se ajustarem ao ambiente em que vivem.

Os teóricos behavioristas rejeitam veementemente a existência de qualquer tipo de conhecimento inato, pois, segundo eles, o conhecimento e o resultado do processo de aprendizagem é produto da interação do organismo com o seu meio através de condicionamento estímulo-resposta-reforço, nessa ideia de aprendizagem, o autor dessa teoria afirma:

Em todo comportamento verbal sob controle de estímulo há três acontecimentos importantes: estímulo resposta e reforço. Eles são interdependentes, sendo que o estímulo, agindo da emissão da resposta, cria ocasião para que a resposta provavelmente seja reforçada. Sob tal dependência, mediante um processo de discriminação operante, o estímulo torna-se a ocasião em que a resposta, provavelmente, será emitida. (SKINNER, 1957, p.33)

Nessa perspectiva, a criança, ao nascer, é considerada *tábula rasa*, ou seja, não possui qualquer tipo de conhecimento prévio e somente aprende uma língua particular se alguém ensiná-la. Assim, o ambiente é o único responsável pelo provimento do conhecimento que ela porventura virá a adquirir, através das leis de condicionamento.

A partir da imitação de sons e padrões, da prática assistida com reforços negativos e positivos e da formação de hábitos, ela constituirá a sua língua. Desta forma não é possível prever qual a primeira palavra que uma criança irá produzir, uma vez que ela é submetida a vários estímulos do meio e, apenas em um

determinado momento, sua primeira resposta a esse meio surgirá. “A criança é uma “tábula rasa”, ela só desenvolve seu conhecimento linguístico por meio de estímulo-resposta, imitação e reforço, linguagem também pode ter: um reforço positivo, e, nesse caso, o comportamento/ linguagem se manteria”. (SKINNER, 1957, p. 23).

Mediante a situação, a teoria comportamental (behaviorismo) dedica-se ao estudo das respostas, mostrando que mesmo o comportamento mais complexo como a linguagem pode ser condicionado e, nessa perspectiva, dependem da experiência para serem adquiridos. Nesse sentido, Soares (2008) afirma que, baseado na teoria comportamentalista de Skinner, o comportamento dos alunos em escolas pode ser modelado pela apresentação sequencial de materiais e pelo oferecimento de recompensas ou reforços apropriados.

É interessante ressaltar que na teoria behaviorista a linguagem se dá, mediante a experiência que o sujeito desenvolve com a língua utilizada pelas pessoas em seu convívio, e é determinada tanto pela qualidade e quantidade da língua que criança ouve, como pela firmeza do reforço oferecido pelas outras pessoas em seu meio, fator esses que determina o grau de sucesso que ela pode vir a atingir no seu desenvolvimento tanto no seu dia-a-dia como no contexto escolar em que a mesma está inserida.

Segundo Skinner (1964, p. 56), “[...] a criança associa as diferentes formas sistematicamente àquelas com as quais já está habituada por ter aprendido as sequências da língua [...]” mostrando como a criança produz formas de palavras e sentenças jamais ouvidas ou vistas, e assim expondo que o processo de aquisição de língua passa a ser visto como consequência do estabelecimento de associações entre estímulos (palavras ouvidas) e respostas (as vocalizações espontâneas da criança).

Assim, qualquer comportamento continua a ser adquirido se recebe reforço. Para eliminar a resposta, é só não reforçar, em outras palavras a criança associa as sequências já aprendidas com outras palavras novas ou novos grupos de palavras até serem capazes de formar a frase por completo.

O autor mostra que todo conhecimento advém do meio, ou seja, o ser humano nada tem de inato, tudo é aprendido, em outras palavras a criança

somente adquire o conhecimento através do ambiente em que vive, fazendo ligações com pessoas e objetos no espaço em que está inserida.

1.3.2 Teoria Inatista.

De acordo com Noam Chomsky (1981, p.132) chama-se inatismo a doutrina segundo a qual há certas ideias, princípios, noções ou práticas, que são inatas ou seja possuem alma, espírito, a criança já nasce com ela pronta, a qual defende que os seres humanos nascem programados biologicamente para falar, assim como os pássaros para voar, mostrando que o indivíduo desenvolverá naturalmente a sua linguagem.

Chomsky (idem) defende a ideia de que o ser humano é provido de uma gramática inata, ou seja, esta já nasce com a pessoa, e vai tomando forma conforme o seu desenvolvimento. E a criança toma como base para seu desenvolvimento a fala dos adultos, que servem de estrutura para o desenvolvimento de suas próprias regras. A partir do momento que a criança incorpora como modelo algumas estruturas da língua mãe, não é porque imitou, mas por que incorporou novos modelos de regras para sua língua.

[...] dizemos que a criança “aprende uma língua”, e não que a linguagem se desenvolve ou amadurece. Mas nunca dizemos que o embrião ou a criança aprende a ter braços em vez de asas, ou um aparelho visual determinado, ou órgãos sexuais maduros este último exemplo representa um desenvolvimento que consideramos ser geneticamente determinado no que tem de essencial, muito embora só ocorra bem depois do nascimento. (CHOMSKY, 1981, p. 177).

O autor afirma que o espaço vai contribuir para que a criança fale uma língua, desta forma a mesma poderá adquirir novos conhecimentos por si só, sendo no ambiente familiar, traves da leitura, da televisão, ou até mesmo da fala dos adultos, com isso ela vai operar independentemente do auxilio de outra pessoa, fazendo suas falas através do seu próprio convívio.

Nessa teoria, fica claro que a criança aprende sua língua materna numa idade que dificilmente seriam capazes de aprender algo tão difícil, mostrando a rapidez e fluência extraordinária com ela adquire sua língua independentemente do ambiente em que vive, ela pode produzir enunciados elaborados mesmo sem saber o que está correto ou errado, como cita Chomsky:

Parece evidente que a aquisição da linguagem se baseia na descoberta pela criança daquilo que, de um ponto de vista formal, constitui uma teoria profunda e abstrata uma gramática gerativa de sua língua da qual muitos dos conceitos e princípios se encontram apenas remotamente relacionados com a experiência através de cadeias longas e complexas de etapas inconscientes e de natureza quase dedutiva. Chomsky (1975, p. 141).

Assim sendo, Santana (2010) faz uma análise das teorias Chomskianas e retrata que segundo esses postulados, se considera o fato de que a criança adquire a sua língua materna com uma rapidez admirável, mostrando que os eventos que ocorrem após o nascimento da criança não são essenciais para o seu desenvolvimento, pois a mesma já nasce com a capacidade biológica para desenvolver a linguagem, e possui uma gramática universal, mesmo de forma natural

A criança é um ser em desenvolvimento e esta tem a capacidade de descobrir o mundo e especialmente as formas de comunicação. De acordo com o exposto, Santana (idem) explica a teoria de Chomsky da seguinte maneira:

O cérebro contém um dispositivo que faz com que a criança seja capaz de construir um número infinito de frases em sua língua materna, a partir de uma lista finita de palavras através de sua intuição e capacidade nata, esse dispositivo permite que a criança desenvolva uma gramática da linguagem que dependerá da língua a que ela está exposta, que é ativado e se processa a partir de sentenças, que tem como resultado a língua a qual a criança está exposta. A criança em contato com a língua seleciona as regras que funcionam para aquela língua, desativando as que não funcionam. (SANTANA, 2010, p. 23)

De acordo com essa proposta, a criança tem uma Gramática Universal , inata e que contém todas as regras de todas as línguas, dessa forma o autor ressalta que ao se comparar frases de crianças com a de adultos, chega-se à conclusão de que elas não são imitações da fala dos adultos, pois o discurso da criança é ordenado por regras, às crianças possuem várias palavras diferentes da gramática dos adultos.

Cabe ressaltar que Chomsky, considera que a criança, mesmo antes de adquirir as primeiras palavras, já tem internalizado tais princípios universais, o que lhe confere competência inata para estabelecer a gramática de sua língua materna.

Assim, do ponto de vista de Chomsky, a criança é dotada de uma gramática inata, ou seja, essa teoria postula que o ser humano vem programado biologicamente para o desenvolvimento de determinados conhecimentos, a qual procura dar conta da competência e criatividade do falante.

Essa teoria afirma que a linguagem vem de uma herança genética, isto é, inata, onde se nasce com uma gramática na mente e que se desenvolve no decorrer do tempo. Diz ainda que se a criança dependesse de aprender através de imitação, como ressaltava o behaviorismo, ela nunca teria uma gramática perfeita.

Chomsky afirma que a criança que é exposta normalmente a uma fala precária, fragmentada, cheia de frases truncadas ou incompletas, é capaz de dominar um conjunto complexo de regras ou princípios básicos que constituem a gramática internalizada do falante.

1.3.3 Teoria Cognitivista.

A teoria Piagetiana da Aquisição da Linguagem centrada na capacidade cognitiva busca entender o desenvolvimento natural da criança. Tendo como base e finalidade a inteligência, que começa a se organizar por meio de uma ação lógica sobre o biológico, isto é, os atos biológicos são adaptados ao meio físico.

Santana (2010) explica a teoria cognitivista de Piaget e relata que segundo ela, a criança constrói uma compreensão sobre o funcionamento do mundo físico a partir de suas ações. Desta forma mostra que somente o funcionamento da inteligência é hereditário, sendo dependente de ações sucessivas, exercidas sobre os objetos, a partir dessa perspectiva, o funcionamento intelectual, resultante de uma hereditariedade, viabiliza a interação do organismo com o mundo físico.

Em outras palavras, o cognitivo tem a capacidade de construir mentalmente as estruturas capazes de serem aplicadas às do meio, mostrando que a criança adota os símbolos públicos da comunidade mais ampla em lugar de seus significantes pessoais, ou seja, como um sistema simbólico de representações, assim como outros aspectos da função simbólica geral.

[...] é centrada a capacidade cognitiva em busca a entender o desenvolvimento natural da criança. Tendo como base e finalidade a inteligência, que começa a se organizar por meio de uma ação lógica sobre o biológico, isto é, os atos biológicos são adaptados ao meio físico
[...] Piaget (1967, p. 67).

Piaget ressalta que o indivíduo aprende do individual para o coletivo, por isso é importante à relação do sujeito com ambiente, pois segundo a sua teoria, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem são processos derivados do

desenvolvimento do raciocínio na criança. Propõe-se que o sujeito constrói estruturas com base na experiência com o mundo físico, ao interagir e ao reagir biologicamente a ele, no momento dessa interação.

Fiorin (2008) faz uma explanação sobre os postulados da teoria Piagetiana e relata que a mesma tem como base a interação do sujeito com mundo, portanto o sujeito cognoscente constrói o real por meio da ação, relacionando-se ao objeto, espaço, tempo e causalidade. Assim, a criança constitui sua inteligência através de sua interação com mundo, com esquemas mentais que possibilitam apreender a realidade, segundo Fiorin.

Para ele, a criança constrói o conhecimento com base na experiência com o mundo físico, isto é, a fonte do conhecimento está na ação sobre o ambiente. (...) esta interação é entre a criança e o mundo. (...) Seu interesse não é pela linguagem per se, mas a linguagem como porta para a cognição. (FIORIN, 2008, p. 222).

Portanto, Piaget fala que todo o conhecimento começa por uma assimilação pelas estruturas e esquemas do sujeito dos dados que recebe do exterior. Estas estruturas e esquemas são os meios que permitem o conhecimento. Tal assimilação implica, por sua vez, a sua modificação. A acomodação consiste na modificação destas estruturas ou esquemas para se adaptarem aos novos dados que emergem da interação com o meio.

A inteligência surge então como o conjunto das estruturas e esquemas de que um organismo dispõe em cada fase do seu desenvolvimento. Assim, a adaptação do organismo constitui a expressão do equilíbrio atingido entre a assimilação e a adaptação.

Filgueiras (2002, p. 56) concorda com Piaget e diz: “é que a fim de acomodar é necessário que o sujeito antes se desequilibre estruturalmente, enquanto conjunto de esquemas para se equilibrar novamente”. Tal equilíbrio somente se dá a partir do processo de assimilação-acomodação por meio da interação.

Dessa forma, fica claro novamente que o cognitivo funciona como uma adaptação, que organiza a função de estruturar o universo do indivíduo, relacionando o pensamento e os objetos, onde a capacidade cognitiva irá construir mentalmente as estruturas capazes de serem aplicadas às do meio.

1.3.4 Teoria Interacionista

Para Vygotsky, a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade a seu redor, ou seja, homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Para ele o que interessa é a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, a chamada experiência pessoalmente significativa.

A abordagem sócio- interacionista compreende a aprendizagem como um fenômeno que se realiza na interação como o outro, mostrando que aprendizagem acontece por meio da internalização, a partir de um processo anterior, de troca, que possui uma dimensão coletiva.

O interacionismo proposto por Vygotsky parte do princípio de que o pensamento e linguagem não podem ser pensados separadamente, uma vez que atribui a atividade simbólica, viabilizada pela fala, uma função organizadora do pensamento, que defende que as ideias não ocorrem por si mesmas, que surgem das atividades e que a atividade se define como tal na inter-relação entre indivíduos e meio.

O autor considera que o indivíduo é um ser social e que constrói sua individualidade a partir das interações que se estabelecem entre os indivíduos, mediadas pela cultura, ou seja, a relação de ser como meio humano é condição para que ele se constitua como indivíduo.

Para Del Ré (apud Vygotsky) “propõe que a criança não seja apenas aprendiz, passivo, mas um sujeito que constrói seu conhecimento (mundo e linguagem) pela mediação do outro”. Cabe ressaltar que o meio é fonte de conhecimento, o qual é construído a partir da atividade dos indivíduos em interação com os elementos que constituem este meio.

Esse meio é natural e social e constituído pela cultura. Essa noção de cultura integrante do processo de construção de conhecimento e de constituição do indivíduo é central para a concepção de aprendizagem, pois esta incorpora a experiência dos indivíduos.

Dando continuidade a essa abordagem, recorremos a Fiorin (2008) que relata sobre essa teoria interacionista e mostra que toda aprendizagem do indivíduo na escola tem uma pré-história, pois a aprendizagem do indivíduo começa muito antes da aprendizagem escolar, isso equivale a dizer que de certa forma o indivíduo já

desenvolveu alguma aprendizagem no cotidiano, assim, é necessária uma articulação interna entre conhecimento do cotidiano e o conhecimento formal.

O que se busca nessa tentativa de compreensão é, mostra que ao se discutir a relação entre aprendizagem e o desenvolvimento, Vygotsky afirma que atividade independente do indivíduo não é o único indicativo possível de seu grau de desenvolvimento, colocando a imitação como possibilidade de compreensão.

Na vida cotidiana, o ser humano aprende muitas coisas, estas aprendizagens ocorrem em vários níveis e são amplamente determinadas pela cultura e formas de produção. O conhecimento formal, aquele que é sistematizado, requer ações específicas por parte do ser humano. Sem uma organização e coerência interna entre os elementos que compõem o processo, o indivíduo não adquire e nem utiliza esse conhecimento, pois este é socialmente construído, ou seja, à única possibilidade de construção de conhecimento é aquela que segue o caminho do interpessoal para o intrapessoal.

Observa-se que nessa teoria o professor assume o papel de orientador do processo de ensino aprendizagem, mostrando que o erro do aluno deixa de ser motivo de punição. Segundo Filatro (2008, p. 33) “[...] enfoca que as atividades em sala de aula devam ser colaborativas, possibilitando que o aluno vá além do que seria capaz sozinho [...]”.

A propósito a análise do erro constitui um novo ponto de partida para que o professor possa saber até que ponto o aluno aprendeu a matéria e assim possa planejar suas aulas de modo a abordar o mesmo conteúdo de uma forma mais criativa e dinâmica, levando o educando a descobrir novas formas de conhecimentos, assim mostrando que a interação é o fator primordial na sua aquisição do seu ensino aprendizagem. “Segundo Araújo (Apud Berberian 2009, p. 23), analisando a teoria criada pelo autor Vygotsky, diz que a aprendizagem na sala de aula é resultado de atividades que proporcionam interação, cooperação social, atividades instrumentais e práticas”. (BERBERIAN, 2009, p. 23)

O ensino para Vygotsky deve se antecipar ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre o aprendizado e o desenvolvimento, o primeiro vem antes. É a isso que se refere um de seus principais conceitos, o zona de desenvolvimento proximal, que seria a distância real de uma criação e aquilo que ela tem o potencial de aprender. Em outras palavras, a

zona de desenvolvimento proximal é o caminho entre o que a criança consegue aprender sozinha e o que ela está perto de conseguir fazer sozinha.

Fica claro novamente que para o autor, que o professor deve mediar a aprendizagem utilizando estratégias que levem o aluno a tornar-se independente, preparando-os para um espaço de diálogo e interação. Essa teoria permite trabalhar com grupos e técnicas para motivar, facilitar a aprendizagem e diminuir a sensação de solidão do aluno. Além de permitir que ele construa seu conhecimento em grupo com participação ativa e a cooperação de todos os envolvidos, oferece oportunidades para discussão, reflexão e o encorajamento para arriscar e descobrir em grupo.

Possibilita criar ambientes de participação, colaboração e desafiador. Considera o aluno inserido em uma sociedade e facilita a interação dos indivíduos. Essa teoria mostra-se adequada para atividades colaborativas e troca de ideias.

Vygotsky defende a ideia de contínua interação entre as mudáveis condições sociais e as bases biológicas do comportamento humano. Partindo de estruturas orgânicas elementares, determinadas basicamente pela maturação, formam-se novas e mais complexas funções mentais, a depender das experiências sociais a que as crianças se acham expostas. Ressaltando que para o autor os pressupostos partem da ideia de homem enquanto corpo e mente, enquanto ser biológico e social e enquanto participante de um processo histórico cultural.

Percebe-se que definições elencadas são seguidas pelo autor como privilegia o ambiente social, mostrando que o desenvolvimento varia conforme o ambiente, observando que não aceita uma visão única, universal, do desenvolvimento humano. A relação homem/mundo é uma relação mediada por instrumentos (símbolos).

Segundo a teoria Vygotskiana, toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem que traz consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito. Além disso, todo aprendizado é necessariamente mediado e isso torna o papel do ensino e do professor mais ativo e determinante para quem cabe à escola facilitar um processo que só pode ser conduzido pelo próprio aluno.

Segundo Vygotsky (1989) o primeiro contato da criança com novas atividades, habilidades ou informações deve ser a participação de um adulto. Ao

internalizar um procedimento, a criança “se apropria” dele, tornando-o voluntário e independente.

O autor ressaltar que o desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, quanto mais aprendizagem mais desenvolvimento; mostrando que a linguagem tem uma função central no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, com a aquisição da linguagem modificam-se todos os processos mentais; a mesma é fator de interação social; pensamento e linguagem procedem de raízes genéticas diferentes, porém, ao longo do desenvolvimento se juntam e se separam repetidas vezes.

Para Brakhtin (2004: 29, apud Vygotsky, 1989:404), “o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um vazio; o significado, portanto, é um critério da ‘palavra’, seu componente indispensável”. (VYGOTSKY, 1989, p. 404)

Diante do exposto, o autor mostra que para ocorrer a aprendizagem, a interação social deve acontecer dentro da zona de desenvolvimento proximal; essa zona é o nível que começa com o real estágio de desenvolvimento da criança até o seu grau potencial de desenvolvimento, na qual irá mostrar distância entre o nível de desenvolvimento atual, determinado pela solução independente de problemas sob orientação de adultos ou em relação com pares mais capazes, assim a criança poderá desenvolver com maior facilidade o conhecimento exposto.

Nesse sentido o indivíduo terá maior facilidade de aprendizado, quando o mesmo obtiver ajuda em suas atividades, e não elaborando as mesmas individualmente, mas com a ajuda de outra pessoa, ele será capaz de realizá-la. Desta forma irá significar que esse indivíduo não tem total autonomia, mas já tem elementos que possibilitam a realizações de tarefas.

Vê-se, portanto que nessa teoria a criança depende da interação com outras pessoas para desenvolver melhor o seu conhecimento já prévio adquirido por ela, mostrando que a mesma terá melhor êxito em suas tarefas com auxílio de outra indivíduo, tanto no ambiente escolar como no familiar.

Percebe-se, portanto que a aprendizagem na sala de aula é resultado de atividades que proporcionam interação do aluno, a cooperação social, atividades práticas para que o mesmo possa interagir com outras pessoas em seu meio. Mostrando que o professor deve interceder à aprendizagem utilizando

estratégias que levem o aluno a tornar-se independente, preparando-os para um espaço de diálogo e interação, motivando a criança no desenvolvimento do seu conhecimento e assim facilitando a aprendizagem do mesmo. “É nesse contexto que se insere o estudo da especificidade do saber pedagógico, do modo como o professor aprende da natureza da atividade educativa nos seus vínculos com os conhecimentos das demais áreas.” (GUIMARÃES, 2004, p. 46).

Assim permitir que ele construa seu conhecimento em grupo com participação ativa e a cooperação de todos os envolvidos nessa aquisição de conhecimento, oferece oportunidades para discussão, reflexão e o encorajamento para arriscar e descobrir em grupo se o seu conhecimento é verdadeiro ou não.

Sendo assim o Interacionismo considera os fatores sociais, comunicativos e culturais para a aquisição da linguagem, estudando as características da fala dos adultos. Segundo esse ponto de vista, a interação social e a troca comunicativa são pré-requisitos básicos para a aquisição da linguagem. Nessa perspectiva, a linguagem é atividade constitutiva do conhecimento de mundo e a criança se constrói como sujeito.

2 A PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Durante séculos, a educação da criança era exclusivamente responsabilidade da família, uma vez que era no convívio com os adultos e outras crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura. Desse modo, a ideia de infância foi e ainda é historicamente construída. Fruto de múltiplas relações e mudanças de padrões culturais específicos de cada sociedade. De acordo com Kramer (1992):

A educação pré-escolar começou a ser reconhecida como necessária tanto na Europa quanto nos Estados Unidos durante a depressão de 30. Seu principal objetivo era o de garantir emprego a professores, enfermeiros e outros profissionais e, simultaneamente, fornecer nutrição, proteção e um ambiente saudável e emocionalmente estável para crianças carentes de dois a cinco anos de idade. (KRAMER, 1992, p. 26)

No século XVII, a criança era vista como um adulto em miniatura, no seu modo de vestir e de atuar na sociedade, após seus sete anos de idade eram atribuídos ofícios que pertenciam ao mundo adulto e ela não era privada de nenhum acontecimento de sua família, participava de reuniões, conversas e festas do mundo adulto, mas só como “figurante”, pois não tinha direito de discursar, defender-se ou expor suas ideias. Áries (1981).

Além disso, as crianças do sexo feminino eram concebidas como seres inferiores e mortalidade infantil até os 7anos era vista com naturalidade. A interferência de poderes públicos e da Igreja a partir do século XVII começou levar a criança a ser percebida sobre outros aspectos, cuidados maiores com a higiene e a saúde foram sendo tomados. Porém, ainda no início desse processo, ela era vista como um ser sem identidade.

Contudo era um sentimento superficial da criança - a que chamei de “paparicação” – era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. (ARIES, 1981, p. 10).

Mas, com o passar do tempo, as especificidades da infância no sentido moral, educacional e social foram sendo revistos e dentro desse novo contexto começaram surgir as primeiras instituições de ensino. Desta forma, as especificidades da infância no sentido moral, educacional e social foram sendo revistos e dentro de um novo conjunto começaram aparecer os primeiros estabelecimentos de ensino.

No início do século XIX, para tentar resolver tais problemas da infância, surgem iniciativas isoladas, como a criação de creches, asilos e internatos, que eram vistos como instituições destinadas a cuidar de crianças pobres. Estas instituições apenas encobriam o problema e não tinham a capacidade de buscar transformações mais profundas na realidade social dessas crianças.

É necessário que se entenda o conceito de educação infantil como direito social é relativamente recente na realidade educacional brasileira, pois as crianças, do nascimento aos seis anos de idade, adquiriram, com a Constituição Federal de 1988, o direito de serem educadas em creches e pré-escolas na sua comunidade. O caráter reducionista do assistencialismo voltado para a prevenção da carência ambiental, da doença, da fome como forma de compensar as mazelas sociais vem assim, gradativamente, sendo rompido.

No Brasil, diferentemente dos países europeus, o primeiro jardim da infância foi inaugurado em 1895, em São Paulo, as primeiras tentativas de organização de creches, asilos e orfanatos surgiram com um caráter assistencialista, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas. Sobre a criação das instituições pré-escolares, KUHLMANN JÚNIOR, (1998) afirma que,

As instituições pré-escolares foram difundidas a partir da segunda metade do século XIX, como parte de um conjunto de medidas que conformam uma nova concepção assistencial, a assistência científica, abarcando aspectos como a alimentação e habitação dos trabalhadores e dos pobres [...] A grande marca dessas instituições, então foi a sua postulação como novidade, como propostas modernas, científicas – palavras utilizadas fartamente nessa época de exaltação do progresso e da indústria (KUHLMANN JÚNIOR, 1998, p. 81-82).

Outro elemento que contribuiu para o surgimento dessas instituições foi às iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados que, apesar do apoio da alta sociedade, tinham como finalidade esconder a vergonha da mãe solteira, já que as

crianças “[...] eram sempre filhos de mulheres da corte, pois somente essas tinham do que se envergonhar e motivo para se descartar do filho indesejado” (RIZZO, 2003, p. 37).

Foi nas últimas décadas que o atendimento a criança menor de sete anos de idade em creches e pré-escolas nasceu mais significativa e aceleradamente. Esse crescimento é motivado pelo aumento da demanda por instituições de educação infantil decorrente da inserção, cada vez maior, da mulher no mercado de trabalho.

O processo de organização do Estado Brasileiro, a partir de 1930, irá estabelecer a relação entre a legislação vigente e a regulamentação de compromissos com as políticas sociais. Em 1932 o trabalho feminino é regulamentado e tornam-se obrigatórias creches em estabelecimentos com mais de 30 mulheres, acima de 16 anos, trabalhando.

Esta medida é integrada à Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) e depois passa a constar dos direitos sociais da Constituição de 1988, de forma mais ampla, prevendo a educação infantil gratuita para os filhos de 0 a 6 anos, das mães e pais trabalhadores. Afirma Rizzini (1997, p. 137): “[...] parece crucial analisar neste ponto a dimensão política que fez despertar particular interesse pela infância, pois encontrava afinidade com o projeto civilizatório que se desenhava o país”.

De acordo com o exposto, é válido dizer que a partir desse novo ordenamento, creches e pré-escolas passaram a construir nova identidade na busca de superação de posições antagônicas e fragmentadas, sejam elas assistencialistas ou pautadas em uma perspectiva preparatória a etapas posteriores de escolarização.

Vale ressaltar que Mário de Andrade foi um dos pensadores fundamentais da Educação Infantil no Brasil na valorização das produções das crianças e pôr a atividade artística como um dos embasamentos desse segmento, o mesmo foi responsável pela criação de parques infantis na cidade de São Paulo em 1935, ocasião em que ocupou o cargo de chefe do Departamento de Cultura da prefeitura da capital paulista.

Até a LDB 9394/96 o papel da creche (hoje com a nomenclatura: Centros de Educação Infantil) era de assistir à criança que ficava “privada dos cuidados da mãe”, em função do trabalho. Consequentemente os trabalhos e programas evidenciados na educação infantil dissociavam as funções de educar e cuidar, pois a concepção de infância era ainda muito limitada no país, à educação crítica não

era a preocupação da instituição de educação infantil, apenas o cuidado era privilegiado.

Com o processo de abertura política nos anos 80, houve pressão por parte das camadas populares para a ampliação do acesso à escola. A educação da criança pequena passa a ser reivindicada como um dever do Estado, que até então não havia se comprometido legalmente com essa função.

A Constituição de 1988, devido à grande pressão dos movimentos feministas e dos movimentos sociais, reconhece a educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado. A partir daí, tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional, seguindo uma concepção pedagógica, complementando a ação familiar, e não mais assistencialista, passando a ser um dever do Estado e direito da criança.

A partir de então a expressão educação infantil foi adotada em no Brasil quando consagrada na Constituição Federal de 1988 e, consequentemente, no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei nº 8.069, de 13/07/90) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (nº 9394 de 1996).

Portanto, o uso de creches e de programas pré-escolares como estratégia para combater a pobreza e resolver problemas ligados à sobrevivência das crianças no Brasil, foi durante muitos anos, justificativa para a existência de atendimentos de baixo custo, com aplicações orçamentárias insuficientes, escassez de recursos materiais; precariedade de instalações; formação insuficiente de seus profissionais e alta proporção de crianças por adulto.

2.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.32) relata que Cabe ao professor individualizar as situações de aprendizagem oferecidas às crianças, considerando suas capacidades afetivas, emocionais, sociais, cognitivas assim como os conhecimentos que possuem dos mais diferentes assuntos e suas origens socioculturais diversas. Isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e as individualidades de cada criança.

Vale abordar que o professor da Educação Infantil, fase em que a criança está apta para aprender a sociabilidade, a comunicabilidade e acima de tudo a interação entre as pessoas, necessita compreender que a vulnerabilidade e dependência infantil, próprias desta fase de desenvolvimento, exigem dele, dos demais profissionais e dos responsáveis pela criança, atitudes de cuidado no educar, no viver, conviver e acima de tudo no ensinar. Segundo Garanhani (2010)

Ser docente na Educação Infantil, com base no perfil apresentado, é ter sempre uma atitude investigativa da própria prática e, conseqüentemente, fazer a sua elaboração por meio de um processo contínuo de formação. É ter o compromisso com a profissão escolhida e consciência de que suas intenções e ações contribuem na formação humana de nossas crianças ainda pequenas. Formação humana que se faz pelo acesso aos saberes, conceitos e práticas de nossa sociedade e que se apresentam como ferramentas de trabalho, pelo respeito às condições de aprendizagem que se faz pela oferta de possibilidades educacionais e, por fim, a clareza de que a professora da pequena infância é uma das profissionais responsáveis por proporcionar a conquista da autonomia e da construção de identidades das crianças pequenas do nosso país. (GARANHANI, 2010, p.187- 200)

Nessa perspectiva, as práticas dos professores abrangem elementos que direcionam uma proposta educacional voltada aos princípios democráticos transformadores e de participação ativa da criança. Assim, o acesso aos conteúdos de modo significativo favorece a incorporação de saberes que permitem compreender, analisar e intervir e obter resultados na sociedade na qual se insere e a questão mais enfática do contexto “A formação do Professor”. Pois a ação educativa apresenta dois sujeitos principais: professor e aluno, que participantes do processo, aprendem e se desenvolvem mutuamente para que consista na integralidade da educação.

Os docentes, fiéis à nova consciência profissional, vêm reinventando formas de organizar seu trabalho. Reagem à condição de aulistas e avançam na autoria de sua prática. Reivindicam horários de estudos, planejamentos, tempos de atividades programadas e tempos coletivos.

Sob o ponto de vista de políticas públicas, a formação continuada de professores tem seu amparo legal na LDB-9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira), ao regulamentar o que já determinava a Constituição Federal de 1988, instituindo a inclusão nos estatutos e planos de

carreira do magistério público, o aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive em serviço, na carga horária do professor.

É necessário estar sempre revendo alguns conceitos, estar abertos a culturas diferenciadas e se tornarem mediadores de todas as ações, para cada vez mais contribuam para a formação de cidadãos que respeitem e convivam com adversidade. No momento em que o professor consegue entender e aprofundar seus conhecimentos nesta proposta de trabalho terá condições de aventurar-se em infinitas descobertas e perceber o quanto isto é enriquecedor.

A Educação Infantil tem uma função pedagógica, um trabalho que toma a realidade e os conhecimentos infantis como ponto de partida e os amplia através de atividades que tem significado concreto para a vida das crianças, e simultaneamente asseguram a aquisição de novos conhecimentos. É importante que o educador na Educação Infantil se preocupe com a organização e aplicação das atividades, contribuindo assim, para o desenvolvimento da criança de 0 a 5 anos, como afirma a Resolução nº 5/09.

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos diversos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2009).

O grande desafio da educação infantil e de seus profissionais é compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p.23), deixa claro que a instituição de Educação Infantil deve tornar acessível a todas as crianças que frequentam, indiscriminadamente, elementos de cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social, em outras palavras, deve-se considerar que as crianças são diferentes entre si, que cada uma possui um ritmo de aprendizagem.

Por isso, o professor deve estar preparado para propiciar às crianças uma educação baseada na condição de aprendizagem de cada uma, considerando-as singulares e com características próprias. Como afirma o Decreto-Lei nº 241/2001, de 30 de Agosto, ao especificar o perfil do educador de infância, tendo por base a:

“Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem”, refere, igualmente, que na educação pré-escolar, este “... concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” Para tal “mobiliza o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado”. (O Decreto-Lei nº 241, de 30 de Agosto de 2001).

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

É imprescindível que se perceba que alfabetizar e letrar são processos distintos, mas inseparáveis. Alfabetização e letramento se somam, ou melhor, a alfabetização é um componente do letramento. Sendo assim, o ideal é ensinar a ler e escrever de modo que a criança não apenas decodifique as palavras, mas entenda o que lê. A fim de alcançar esse ideal, o professor alfabetizador precisa reconhecer o significado de alfabetização e letramento no processo de ensino e aprendizagem. (SOARES, 2008).

Nesse contexto, é necessário que se compreenda que, de acordo com a autora supracitada a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, ele não só precisa saber o que é a escrita, mas também de que forma a ela representa graficamente a linguagem. Para Moraes & Albuquerque,

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Nesse viés, convém recorrer à contribuição de Rios e Libâneo (2009) sobre alfabetização e letramento que, segundo eles, apresentam uma relação muito forte, pois uma depende exclusivamente da outra, as duas ações são distintas, mas inseparáveis, não se pode alfabetizar sem letrar, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever de modo que a criança se torne ao mesmo tempo, alfabetizada e letrada, saber interpretar o que lê. De acordo com Rios e Libâneo

(2009, p. 33) “a alfabetização e o letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”.

Desse modo, é importante ressaltar que o conceito de letramento começou a se expandir, a alfabetização foi reduzida simplesmente a decodificação, ao simples ensinar a ler e escrever. Compreende-se, no entanto, o quanto é importante ensinar a ler e escrever, porque o sistema alfabético é necessário para o indivíduo entrar no mundo da leitura e da escrita. É necessário, portanto, valorizar a alfabetização relacionando a mesma com o letramento.

Nessa perspectiva, evidencia-se que letramento se inicia quando a criança começa a letrar-se a partir do momento em que convive com pessoas que fazem uso da língua escrita, vive em ambiente rodeado de material escrito. Desta forma, ela vai conhecendo e reconhecendo prática de leitura e da escrita.

De tal modo depois de selecionar cada texto o professor deve trabalhar com o que Garotte e Souza (2010), chamam de oficina de leitura, período apropriado na sala de aula, a partir do plano de tática de leitura. Onde o docente deverá ler em alta voz, e mostrar para os alunos como é o pensamento do leitor enquanto exerce essa atividade. Que segundo Harvery e Gouvis (2008), quando estamos lendo, os pensamentos completam nossa ideia, o indivíduo faz atrelamento com a realidade, e isso faz com que o leitor crie sentido entre o real e o que está lendo.

Na escola [...] a leitura é antes de mais nada um objeto de ensino. Para que também se transforme num objeto de aprendizagem é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno o que significa entre outras coisas- que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece e valoriza. Para que a leitura com objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível “representar”- ou “reapresentar”- na escola, os diversos usos que ele tem na vida social. (LEMER 2002, p. 79-80)

Para Freire (1982) educar cidadãos sociais, leitores de fato em que vive, e capazes de praticar a leitura como uso de uma ferramenta imprescindível à sua participação, na edificação do mundo cultural e histórico, insinua garantir um ensino a favor do desenvolvimento da habilidade comunicativa do discente, da sua competência de entender a edificações simbólicas, de forma que assim este aluno esteja possibilitado a ler e articular o mundo em sua volta.

O uso da escrita para sociedade moderna é muito presente, o letramento é uma das principais ferramentas que possibilita um indivíduo habituar-se na coletividade letrada. O que é possível mostrar “as diferenças entre as práticas de leitura, derivadas de seus múltiplos objetivos formas e objetos, na diversidade também de contextos e suportes em que vivemos”. (PAULINO, 2001, p.56).

As várias pesquisas do letramento na Educação Infantil têm concluído demandas acentuadas de pesquisas bem como: o desenvolvimento de metodologias voltadas para a área da escrita e oralidade; as atividades de formação de futuro leitores; e as práticas de leitura e entendimento de textos como prática discursiva na primeira infância. Maior parte dos estudos está limitada hoje ao domínio escolar. Isso se afirma por ser a escola a maior responsável em apresentar para os discentes a leitura, mesmo sendo ainda um país que é de difícil acesso ao livro e a cultura.

Observa-se que o letramento não diz respeito somente ao exercício de leitura de textos como papel social. Todavia de acordo com a opinião de Consson (2006), vinculada ao ensino do letramento na educação infantil e seu essencial domínio na instituição educacional e na coletividade. Essa questão abrange a reflexão de como a escola tem adotado a leitura considerando assim um dos principais eixos para um tirocínio mais expressivo desse saber, como afirma (Ibid. 2006), formar uma sociedade leitora no campo da educação infantil e básica. Assim sendo, perante a leitura na Educação Infantil, observa-se que não deve ser vista somente como entretenimento para quem as ler, mais sim como uma ferramenta de humanização assim como ressalta Candido (2004):

A leitura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a forma de mutilar a personalidade, por que pelo fato de dar forma ao sentimento e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta dos caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da leitura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2004, p.186).

Diante da opinião do autor supracitado, percebe-se que o letramento por meio da leitura tem uma função extraordinária para a humanidade, porque ela é capaz de transformar a personalidade fazendo com que os indivíduos se organizem e vivam em harmonia. Segundo Soares (2008) a leitura democratiza o indivíduo, uma vez que esclarece a variedade do homem, e trás compreensão que é necessária ter, para que se viva em democracia cultural.

Dessa maneira, é imprescindível que se perceba que alfabetizar e letrar são processos distintos, mas inseparáveis. Alfabetização e letramento se somam, ou melhor, a alfabetização é um componente do letramento. Sendo assim, o ideal é ensinar a ler e escrever de modo que a criança não apenas decodifique as palavras, mas entenda o que lê. A fim de alcançar esse ideal, o professor alfabetizador precisa reconhecer o significado de alfabetização e letramento no processo de ensino e aprendizagem. (SOARES, 2008).

Sabe-se que alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, ele não só precisa saber o que é a escrita, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Alfabetização e letramento apresentam uma relação muito forte, pois uma depende exclusivamente da outra, as duas ações são distintas, mas inseparáveis, não se pode alfabetizar sem letrar, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever de modo que a criança se torne ao mesmo tempo, alfabetizada e letrada, saber interpretar o que lê. De acordo com Rios e Libânio (2009, p. 33) “a alfabetização e o letramento são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”.

Depois que o conceito de letramento começou a se expandir, a alfabetização foi reduzida simplesmente a decodificação, ao simples ensinar a ler e escrever. Mas sabemos o quanto é importante ensinar a ler e escrever, porque o sistema alfabético é necessário para o indivíduo entrar no mundo da leitura e da escrita. Temos que valorizar a alfabetização relacionando a mesma com o letramento.

O letramento inicia-se quando a criança começa a letrar-se a partir do momento em que convive com pessoas que fazem uso da língua escrita, vive em ambiente rodeado de material escrito. Desta forma ela vai conhecendo e reconhecendo prática de leitura e da escrita.

2.4 LEITURA, ORALIDADE E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A linguagem em si deve ser trabalhada com ênfase da mesma maneira tanto na escrita quanto na oralidade, tanto na oralidade quanto na escrita assumem um papel importante na sociedade. Porém há dificuldades de inseri-las no sistema formal de ensino e no contexto na sala de aula.

A oralidade deve ser trabalhada em sala de aula desde as séries iniciais, promovendo assim o interesse e a curiosidade para desenvolver este hábito desde a infância como um ponto de partida a contribuição do ensino de língua portuguesa para o exercício da oralidade pode se tornar indispensável. (SOARES, 2008)

Sabendo que as primeiras palavras são ensinadas no convívio da criança por esse motivo a informalidade se torna frequentes, e é nesse contexto que as pronúncias incorretas ocorrem frequentemente. Para tanto, encontramos em Milanez (1993) uma crítica ao ensino tradicional que diz:

Os registros orais na descrição do idioma são desconsiderados, na escola também como instrumento de comunicação, uma vez que o aluno é avaliado exclusivamente pelo que escreve não pelo que fala, como se a escrita fosse o único veículo de comunicação entre os homens. (MILANEZ, 1993, p. 15).

Marcushi (2001) diz que as produções discursivas orais estão situadas no campo da oralidade, onde as mesmas contemplam um leque grande e diverso de práticas, gêneros e produções de textos. O autor ainda aponta que a questão da oralidade é colocada como um problema de adequação às diferentes situações comunicativas. Dessa forma as diferenças entre fala e escrita não podem ser vistas em termos de separações. Na verdade, vem-se criando a consciência de que a oralidade tem um papel no ensino de língua e, nesse sentido, os Parâmetros Nacionais afirmam que:

A questão não é falar certo ou errado e sim saber que forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. Os diferentes modos de fala e as diferentes linguagens constitutivas da produção discursiva oral podem ser trabalhadas como um importante recurso comunicativo do ensino de língua portuguesa. (MARCUSHI, 2001, p. 34)

A oralidade é uma das modalidades mais importantes que o ser humano possui como forma de se comunicar no meio em que vive. Tornando-se assim necessário que os ensinamentos das formas orais também sejam inseridos nas instituições de ensino. Sabe-se que na atualidade o acomodamento das escolas tradicionais mostra que raramente se encontram nas escolas o estudo da língua como meio de comunicação atual, vivo e eficiente, mas especificamente o estudo da oralidade como meio de comunicação entre indivíduos comunicativos.

Embora a modalidade falada desempenhe um papel muito importante mais central nas atividades humanas, “a modalidade escrita que continua sendo priorizada pelas instituições escolares, quase que exclusivamente em sua variedade padrão”. (MARQUES, 1997, p. 28)

Observa-se que dessa maneira, há pouco espaço para o desenvolvimento de atividades que venham ampliar a competência comunicativa dos alunos no que diz respeito às complexidades básicas da fala ao reconhecimento do outro como interlocutor legítimo e ao envolvimento com o processo de construção do conhecimento.

(...) É notório, também que a frequente interação já existente nas práticas escolares entre alunos e professores contribui significativamente para a construção do conhecimento, porém não é o suficiente para habilitar os alunos a produzirem os gêneros orais em instâncias públicas. (MARQUES, 1997, p. 30)

Muitos profissionais pensam que já é suficiente a proximidade e o relacionamento de profissionais e estudantes, os mesmos acreditam que isso já é o bastante para que os alunos aprendam mais. A troca e o empréstimo de matérias são necessários e que precisam acontecer frequentemente sempre que necessário.

Dedica-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e a discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação. Além disso, é uma atividade relevante para analisar em que sentido a língua é um mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de dominação e poder implícitos em usos linguísticos na vida diária, tendo em vista suas íntimas, complexas e comprovadas relações com as estruturas sociais. (MARCUSHI, 2001, p. 25)

Por sua vez, sabe-se que a escrita consiste de símbolos de uma maneira que se faz desenvolver as ideias humanas para os indivíduos se comunicarem através da mesma. A escrita é tão importante na história da humanidade que só existe história quando existe a escrita. Com o passar dos tempos a escrita começa a ter uma importância na humanidade onde a mesma trouxe um grande avanço desenvolvendo todas as formas de comunicação produzidas.

Acredita-se que é o escrever que imprime significados a escrita. O homem necessitou descobrir que os traços depositados em algum suporte material podem sinalizar para algo outro que eles mesmos, para uma ação humana reconhecível nas marcas que deixou após si (...) (MARQUES, 1997, p. 41).

O autor ressalta que a escrita foi desenvolvida a muitos tempos antes do livro pois buscava uma ideia bem ampla para a sociedade na qual a mesma viesse apresentar relações sociais e econômicas, na qual apresenta-se um código que todos reconhecessem e que fosse aceito perante toda sociedade. Antes que a humanidade soubesse escrever não havia registros da história dos antepassados mais havia uma necessidade de relatar alguns conhecimentos, motivos nos quais o levaram a desenhos nas paredes das cavernas.

Saber escrever com clareza é de sub importância para o indivíduo principalmente para a participação na sociedade atual, a escrita não é um produto escolar qualquer, mais sim um objeto cultural, ou seja, é um resultado do esforço coletivo da humanidade.

Na atualidade com os avanços tecnológicos as pessoas se comunicam mais pela internet, mais vale ressaltar que o estudante ou profissional precisa conhecer muito bem o seu idioma e as normas da escrita, para que o indivíduo possa escrever textos concisos e com estruturas excelentes que transmita de forma bem clara o seu objetivo.

Segundo o PCN, para adquirir o processo da escrita, é necessário ter acesso a diversidade de textos escritos, testemunhas a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defronta-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõem produzi-la, arrisca-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. Sendo assim, o tratamento que se dá a escrita na escola não pode inibir um caminho que deverão trilhar para si transformarem em cidadãos da cultura escrita. (BRASIL.PCN, 1997, p. 66).

Os PCN ressaltam que a escrita é fundamental no dia a dia do indivíduo, principalmente quando se trata de trabalho em nossas vidas, e é através da escrita que os mesmos podem se expressar adequadamente os seus sentimentos que sentem até mesmo quando nos falamos. Vale ressaltar que até mesmo em casa os pais já ajudam no processo da escrita seus filhos quando se trata dos famosos recadinhos expostos em algum lugar da casa para os seus filhos lerem, os mesmos são mais frequentes na porta da geladeira e isso já se torna um método de despertar a criança para o mundo da leitura e da escrita.

Por outro lado, uma outra modalidade a ser abordada é sobre a leitura. Hoje em dia foi esquecido de como ler faz parte da nossa cultura, a leitura é um hábito social que deveria começar a ser imposto nos primeiros anos escolares, a leitura deve ser uma prática cotidiana para que vire parte da nossa rotina.

Deve ter mais incentivos a leitura com as crianças para o conhecimento da nossa cultura, de que somos e de onde viemos. Ler um livro é um dos melhores prazeres da vida pois saímos do nosso mundo e entramos em outro totalmente diferente.

Por isso, deve sim, incentivar a leitura em salas de aulas e principalmente em casa. O ato de ler é conforme, alguns autores, individual e interativo. O aluno deve ser levado a refletir sobre o que está lendo, não dispensando sua experiência de vida, sua visão de mundo, anterior mente adquirida.

Em sala de aula a criança precisa estar cercada de recursos (cartazes, livros) que estimulem sempre a leitura, pois isso possibilita seu desenvolvimento enquanto leitor mas precisa mais que estar exposta a esses materiais. E nesse momento que a intervenção do professor se torna necessária, pois é ele que pode despertar o interesse de cada aluno, proporcionando sua inserção nesse mundo de descobertas sua função e seus valores perante a sociedade.

O leitor competente executa um trabalho de construção do significado, utilizando-se de estratégias como seleção e antecipação, inferência e verificação. A formação de leitores competentes, como processo anterior ao da formação de escritores, exige a participação do professor enquanto promotor de uma intertextualidade organizada em torno da diversidade de texto que circulam socialmente o aluno. Preparar este leitor é um trabalho que pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler, convencionalmente. (CARVALHO, 2006, p. 95).

A autora ressalta o papel do professor nesse processo. O professor sempre planeja as aulas pautadas em conteúdos referenciais, porém não pode desvinculá-

los do cotidiano do aluno, definindo uma didática e a seleção do material a ser trabalhado totalmente contextualizado.

Por mais que seja responsabilidade do professor, não se pode esquecer que tudo isso deve ser compartilhado junto a equipe da escola para obtenção do objetivo principal que é a formação do aluno leitor. Porém o professor precisa sentir-se responsável pelo processo.

Por isso, a formação do professor das séries iniciais deve abranger o conhecimento de que o aluno leitor deve, necessariamente, ser levado a mobilizar uma série de estratégias tanto de ordem linguísticas como de ordem cognitiva discursiva, com fim de levantar hipóteses, validar ou não as hipóteses formuladas preencher as lacunas que o texto apresenta, enfim, participa de forma ativa, na construção do sentido do texto para assim aprender a ler.

3 DESAFIOS DA LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE NAS SÉRIES INICIAIS :ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SÃO TOMÉ EM ITAITUBA- PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

A Escola Municipal de ensino Fundamental São Tomé, em Itaituba –Pará, está localizada na Rua Nossa Senhora do Bom Remédio, 20ª Rua, Bela Vista. Itaituba – PA- CEP: 68180-380.

A escola atende alunos residentes e nas proximidades e atualmente conta com mais de 350 alunos divididos em 14 turmas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Fornece alimentação escolar de qualidade para os alunos, água trata de poço artesiano, energia da rede pública, fossa, lixo destinado à coleta periódica, acesso à Internet. Tem subsídios multimídias como TV, DVD, copiadora, impressora, aparelho de som, data show, filmadora.

A escola prima por uma educação de qualidade, preparando o sujeito para exercer sua cidadania. Consta em sua estrutura, com (7) salas de aulas, todas utilizadas com a clientela que aumenta cada vez mais, (30) funcionários distribuídos em diversas categorias; sala de diretoria; sala de professores, Laboratório de informática; Laboratório de ciências, sala de recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE); quadra de esportes coberta; cozinha; sala de leitura; banheiro fora do prédio; banheiro dentro do prédio; banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida; sala de secretaria; banheiro com chuveiro; refeitório; despensa; almoxarifado e pátio coberto e área verde para atividades diversas dos alunos.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O referido trabalho culminou em projeto a ser desenvolvido em forma de pesquisa, realizada na E. M. E. F São Tomé em Itaituba-Pará, a fim de analisar os desafios da escrita e oralidade na instituição. Discute a questão dos desafios da aprendizagem na Educação Infantil, enfatizando o processo de ensino, as metodologias e demais fatores que do problema. As questões que nortearam este estudo foram: Quais as principais dificuldades no ensino da escrita e oralidade?

Quais metodologias são utilizadas para o ensino aprendizagem? A escola está preparada para superar estes desafios e dificuldades?

Para tanto, foi necessária uma pesquisa bibliográfica, com autores específicos como: Aliende (2005), Brasil (1998), Fiorin (2008), Soares (2013), Tiba (1996), Vygotsky (1989), dentre outros que embasaram o trabalho. À seguir, ocorreu a pesquisa de campo com abordagem qualitativa, através de questionários individuais para entrevistas com professores que trabalham na séries iniciais do Ensino Fundamental na escola, objetivando identificar os desafios de aprendizado da escrita e oralidade.

Para chegar-se aos resultados, foi imprescindível a análise e coleta de dados das respostas dos entrevistados, com a discussão e pontos de vistas de acordo com a realidade educacional. Foram entrevistados cinco docentes da escola, para compreender melhor os desafios da escrita e oralidade da educação infantil. Esta pesquisa com abordagem qualitativa. A pesquisa de campo, preocupou-se em estudar os desafios da escrita e oralidade nas séries iniciais do Ensino Fundamental, como também a prática docente, os aspectos metodológicos, a formação de professores e as dificuldades de ministrar aulas com a questão da falta de materiais didáticos pedagógicos variados para o processo de ensino aprendizagem dos referidos alunos. Enfim, a conclusão com as referências bibliográficas e apêndices.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para este trabalho, foi necessário entrevistas com cinco professores que trabalham na escola, sendo quatro do sexo feminino, com trinta e três, trinta e seis e duas professoras com quarenta anos respectivamente. Destas, duas professoras são pedagogas, sendo uma especialista em Educação Especial e duas são letradas, sendo uma mestranda.

Quanto ao professor investigado, tem quarenta e dois anos de idade, é pedagogo, trabalha há dezoito anos na educação, há doze anos na escola acima mencionada e há seis anos, em outra escola; é Especialista em Educação Especial.

3.4 RESULTADO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

Percebe-se que a problemática que envolve a leitura e escrita está presente na educação brasileira. A instituição educacional precisa realizar seu papel de promotora e de transmissora de conhecimentos capazes de formar o cidadão para que atenda às demandas sociais e que interaja no mundo onde vive de maneira eficiente e prazerosa. É por isso que são necessários conceitos de leitura e escrita e estratégias para conseguir chegar-se aos objetivos almejados.

Este trabalho foi realizado com a participação de cinco professores, que foram investigados, para que se pudesse compreender os desafios da escrita e oralidade nas séries iniciais na escola pesquisada. A primeira questão aborda as dificuldades do ensino da escrita e da leitura para as crianças.

Quadro 01- Você tem dificuldades para ensinar a leitura e escrita para as crianças? Comente.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Depende. Estas, existem sim. Mas é preciso superá-las com profissionalismo, qualificação e competência.
P2	Sim. Crianças que não conseguem escrever, ler e nem identificar fonemas sons.
P3	Sim. Sempre há dificuldades mas sempre superamos essas dificuldades. Ensinar em escola pública é um desafio; pois temos que lidar com a realidade diferente de cada aluno, com a falta de recursos e acompanhamento técnico.
P4	Depende muito da criança. Umas geralmente são bem mais habilidosas do que outras.
P5	Sim, não é fácil. Falta muita coisa, desde material didático até apoio pedagógico.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

De acordo com os professores entrevistados, as dificuldades existem, mas é preciso superá-las com profissionalismo, qualificação e competência., crianças que não sabem ler, escrever e nem identificar sons ou fonemas. Também afirmaram que a educação pública já é um desafio a ser superado e a forma de lidar com a realidade do aluno e falta de recursos, já torna-se dificuldades evidentes. Foi exposto também a falta de habilidade de algumas crianças e até de apoio pedagógico.

As dificuldades de aprendizagem podem atingir qualquer indivíduo em processo de ensino-aprendizagem, e principalmente em processo de alfabetização

e letramento. Infelizmente, muitas escolas não estão preparadas com recursos e metodologias, para então, desenvolver um bom trabalho com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, principalmente em relação às dificuldades de linguagem, escrita e leitura.

O processo de leitura e compreensão exige do leitor um conhecimento de mundo, não se pode interpretar um texto ou produzir-se sem base, isto exige do aluno uma atenção e atualização dos fatos que o cerca. Sendo possível fazer uma boa produção textual quando se tem conhecimento de mundo e de situações, exigindo também que se tenha um bom acervo de palavras e noção de como as mesmas serão utilizadas. Isto é uma identidade do ser humano. A próxima pergunta trata da preparação da escola para a alfabetização dos alunos.

Quadro 02- A escola está preparada para a alfabetização de seus alunos? Fale sobre.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Pois é preciso muita coisa para se tornar excelente; principalmente a valorização do professor e a presença do poder público.
P2	Está sim. Mas falta muita coisa ainda, como um bom acompanhamento de todos os setores da educação.
P3	A escola não está preparada para a alfabetização na idade certa dos alunos. A falta de recursos, salas adequadas, ambiente, etc, dificultam pouco, Mas para isso, o MEC investe na preparação dos professores O PENAIC, para a alfabetização na idade certa.
P4	Sim. Temos um grande incentivo para a prática da leitura na escola.
P5	Em parte está. Mas com salas lotadas, é difícil. O professor precisa de ao menos de um auxiliar para ajudar.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

Quanto à questão da escola está ou não preparada para a alfabetização, as respostas são bem claras que é preciso muita coisa para tomar excelente, como a valorização do professor e a presença do poder público, a falta de recursos, salas adequadas, investimentos nos profissionais da educação e de um auxiliar em salas superlotadas.

A leitura é a única atividade que constitui, ao mesmo tempo, disciplina de ensino e instrumento para manejo das outras fases do currículo (.....) a ênfase está em aprender a ler para aprender. Nas séries fundamentais, a aprendizagem do código dentro de contextos significativos para a criança é de grande importância. (ALIENDE, 2005. p. 13).

A escola é o ambiente onde a criança tem a oportunidade de se desenvolver fisicamente e intelectualmente, pois é no contexto escolar que a criança aprender a conviver e a respeitar as diferenças, como também, ampliar conhecimentos através do contato com a diversidade cultural, social e com uma variedade de materiais concretos, para fazer bom uso da leitura e da escrita, como, livros, gibis, cadernos, mural de leitura, revistas, jornais, dicionários, textos diversos, entre outros.

As dificuldades existem, mas podem ser superadas com uma assistência adequada para quem está no contexto educacional, principalmente quando condiz à questão da escrita e oralidade. A próxima questão trata das metodologias utilizadas nas aulas de leitura e escrita.

Quadro 03- Quais metodologias são mais utilizadas nas aulas de escrita e oralidade?

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Diversas, na medida do possível e do que a gente pode oferecer: brincadeiras, jogos que fascinam as crianças, musiquinhas, etc.
P2	Trabalho com cartões, cartilhas, livros, corte e recorte, desenhos diversos, quebra cabeça e outros que fazem a criança despertar e aprender.
P3	As metodologias mais utilizadas são práticas de leitura oral e escrita, além de jogos lúdicos que ajudam no desenvolvimento da criança.
P4	Leitura coletiva e individual com imagens e participação do todos.
P5	Várias,. De jogos a atividades em sala de aula, que as crianças gostam.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

Quanto às metodologias utilizadas nas aulas de escrita e oralidade, os investigados responderam que utilizam-se de diversas, como brincadeiras, jogos, musiquinhas, trabalhos com cartões, livros, corte e recorte, desenhos, quebra cabeças, leitura coletiva e individual, atividades lúdicas em sala de aula.

Mediante isto, Freire (1992) aborda que o início da vida de um leitor, de um sujeito que frequenta uma escola, se dá por meio da leitura de mundo, feita através de objetos, expressões, figuras e etc. A realidade vivida por este.

O professor mediador é de fato o que conduzirá a criança a desenvolver suas habilidades, motoras, cognitivas, sensoriais e demais circunstâncias. Deve-se acreditar que formar leitores não é somente ensinar a decodificar os signos; mas sim, possibilitar condições para o aluno ir além, auxiliando-o no

desenvolvimento de estratégias que possibilite chegar a uma aprendizagem mais significativa.

Portanto, pode-se dizer que, utilizar-se de estratégias é direcionar o aluno a uma leitura organizada que o torne um leitor competente, onde o mesmo seja capaz de compreender a diversidade de textos que existe e, a partir disso, ser capaz de fazer críticas, questionamentos e levantar hipóteses, sobre os mais variados assuntos. À seguir, a questão que ressalta a contribuição dos pais para a educação dos filhos.

Quadro 04- Os pais contribuem para a educação dos filhos? Justifique sua resposta

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Muito pouco. Participação efetiva dos pais na escola é uma lenda, tornando-se uma utopia..
P2	Muito pouco. Tem pais que nem acompanham na escola e nem em casa, incentivando nos deveres de casa incentivando nos deveres de casa.
P3	Os pais nem sempre contribuem na educação dos filhos. Muitos acompanham, mas outros não. É visível o melhor desenvolvimento nas crianças em que há acompanhamento dos pais.
P4	Sim. São muito participativos e interativos.
P5	Nem tanto. Acha têm muito trabalho e não dão conta de ajudar os filhos e de comparecer na escola em que seus filhos estudam.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

Quando aborda-se a contribuição dos pais na educação dos filhos, os professores responderam que Muito pouco os participam, que é uma lenda e até utopia; que pouco acompanham os filhos, que nem sempre contribuem, apenas alguns. E que acham que têm muito trabalho e não têm tempo para comparecer à escola de seus filhos. . Outro respondeu que sim, que são participativos e interativos. Desta forma,

Teoricamente, a família teria a responsabilidade pela formação do indivíduo, e a escola, por sua informação. A escola nunca deveria tomar o lugar dos pais na educação, pois os filhos são para sempre filhos e os alunos ficam apenas algum tempo vinculados às instituições de ensino que frequentam. (TIBA, 1996, p. 111).

Diante disto, os pais também devem participar do processo de aprendizagem da leitura e de escrita das crianças, oferecendo apoio e condições

de aprendizagem, especialmente para aquelas que apresentam alguma dificuldade, gerando assim uma interação entre escola e família.

A realização do trabalho adequado com a criança pode levar ao alcance das habilidades necessárias à oralidade e escrita e superação das dificuldades. A próxima pergunta, é sobre os tipos de atividades coletivas que são utilizadas para a aprendizagem da escrita e oralidade dos alunos. .

Quadro 05- Quais tipos de atividades coletivas são promovidos para o ensino aprendizagem da escrita e oralidade dos alunos?

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	O lúdico, em sala de aula, principalmente e atrair a criança com coisas que ela gosta, melhora o aprendizado.
P2	Oficinas, todo tipo de brincadeira e jogos que as crianças gostam como bingo de nomes, palavras, sílabas, etc.
P3	Os bingos de sílabas e palavras, jogos de memória(competição), leitura no quadro em grupo.
P4	Leitura e contação de história pelos e para os alunos e socialização em sala de aula.
P5	Jogos com todos os alunos, brincadeiras diversas, que fazem bem para a faixa etária.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

Ao tratar- se de atividades coletivas para o ensino e aprendizagem das crianças, os investigados afirmaram que utilizam – se do lúdico, de oficinas, de todo tipo de brincadeiras e jogos, leituras, histórias, bingos de sílabas, leituras competitivas em quadros e atividades para socialização.

Atualmente, os professores, além de das técnicas de alfabetização devem procurar novas maneiras de incentivar a leitura. Portanto, o professor é um dos principais agentes da promoção da leitura. Entretanto, a referida autora alerta para o fato de que são raros os professores leitores proficientes, mas segundo ela “a inexistência da atividade da leitura não se restringe aos docentes” (COSTA, 2008, p. 49).

É através da leitura, que a criança está sempre atraída pela curiosidade, pelas possibilidades emotivas que o livro oferece e estimula, desde a descoberta até o aprimoramento da linguagem, desenvolvendo a capacidade de comunicação com o mundo.

Portanto, os alunos ao criar o hábito de ler e sentir o prazer da leitura, certamente serão capazes de analisar e ver concretamente a importância da

mesma em todas as etapas de sua vida em sociedade; e desde então, o contato com os livros diariamente, contribuirá no aprendizado, ao desvendar algo novo, de valor ético, cultural, social e educacional. A leitura e a escrita fazem descobrir um novo mundo.

Quadro 06- Quais são os desafios dos professores para o ensino aprendizagem das crianças, condizentes à escrita e oralidade?

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Os desafios é lutas com salas cheias, onde há dificuldades de toda natureza, principalmente quando trata-se de uma turma que é fundamental o individualismo.
P2	Promover a aprendizagem com poucos recursos que se tem e as salas lotadas de crianças. Esta é outra dificuldade.
P3	Os desafios são a motivação à leitura com tantos aparelhos tecnológicos, as crianças já não dão tanta importância aos livros, revistas, etc.
P4	As crianças confundem oralidade com escrita. Geralmente querem escrever como ouvem.
P5	Sala superlotada, falta de material para a alfabetização e falta de apoio dos pais.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

Os professores ao serem interrogados quanto aos desafios para o aprendizado da leitura e escrita dos alunos, afirmaram que os principais são salas cheias ou superlotadas, promover o aprendizado com poucos recursos, o uso de aparelhos tecnológicos pelos alunos; alunos que querem escrever como ouvem e a falta de apoio dos pais. Mediante as afirmações dos professores, percebe-se que as dificuldades são maiores que as condições de alfabetizar. Assim,

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis a manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo depende de a escola ensinar-lhes os usos da língua adequando a diferentes situações comunicativas. (PCN, 1997, p.38).

Desta forma, ao identificar uma possível dificuldade de aprendizagem, o professor precisa compreender a evolução do processo da criança, abrindo espaços para que ela possa aplicar suas hipóteses e avançar em seu conhecimento, contribuindo para uma aprendizagem mais efetiva da oralidade e

da escrita. A pergunta a seguir, ressalta a oralidade da criança no ambiente familiar e sua eficácia na complementação da aprendizagem na escola.

Quadro 07- As crianças já apresentam uma oralidade concebida no ambiente familiar, eficaz para ser complementada no ambiente escolar? Comente.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	As crianças trazem de casa o que concebem com a família, mesmo de forma diferenciada, ela traz seus conhecimentos, oralidade, etc. A cultura que apresenta na escola, vem de casa como herança.
P2	Sim, Falam o concebem com a interação da família. Mas às vezes até de forma diferente ao que a gente ensina na escola. Esta é outra dificuldade.
P3	Nem sempre. Tudo depende muito da realidade em que ela está inserida na realidade da minha escola, essa oralidade é pouco desenvolvida. O trabalho é árduo.
P4	Sim. É preciso valorizar a linguagem que a criança traz de casa.
P5	Sim. Do jeito delas, da educação que recebe em casa. Só não sabem escrever e ler. Mas falar, falam bem sim.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

Os professores, ao serem interrogados sobre a oralidade da criança concebida no ambiente escolar, responderam que os alunos trazem de casa o que ouvem e concebem no ambiente familiar, através da interação, da cultura, que é uma herança, mesmo de forma diferente. Ainda dizem que é preciso valorizar o que a criança traz de casa, a fala que aprendem e expressam muito bem. .

A língua é um sistema de signos histórico e social, que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1997, p. 22).

E mediante a citação acima, a família é a instituição mais importante onde a criança está inserida, sendo ela responsável pelo cuidado e plena formação deste cidadão, com apoio para se desenvolver nos aspectos cognitivo, social, entre outros, como a forma de falar.

Toda criança aprende a partir da observação sobre o comportamento e atitudes de seus pais responsáveis e qualquer atitude que vier aprender no seio familiar, esta reproduz na escola. A próxima questão, ressalta a prática pedagógica do professor para o conhecimento da leitura e escrita nas séries iniciais.

Quadro 08- Faz-se necessário uma prática pedagógica docente, com eficiência para que a criança tenha conhecimentos de leitura e escrita nas séries iniciais? Fale sobre.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Sim. Sem uma prática pedagógica com aplicação de métodos adquiridos, não há aprendizagem.
P2	Sim. Precisa-se de prática pedagógica eficaz, que vise a escrita e a leitura futuramente. E só o professor tem a capacidade de desenvolver tais estratégias.
P3	Sim. Certamente ensina a ler é algo muito complicado. Requer disciplina, prática e motivação para que essa competência seja desenvolvida com eficácia.
P4	Sim. A prática de leitura é importante por que a criança precisa se sentir protagonista do ato de educar.
P5	Sim. E isto a escola pode dar. Pois os professores são os profissionais preparados para isso e devem amar a ler também. Ninguém mais pode fazer e conhecer estas práticas pedagógicas.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

A prática pedagógica, segundo os professores, exige aplicação de métodos adquiridos, disciplina, motivação, prática de leitura também por parte dos professores. Não há uma prática pedagógica eficiente se o professor não é adepto de leituras.

O professor dos anos iniciais deve ter conhecimento dos aspectos fônicos da língua portuguesa para poder ajudar a criança a refletir sobre sua língua falada e sua complexa relação com a língua escrita. Isso exige do professor competência técnico-pedagógica específica, para que as dificuldades possam ser minimizadas. (SIMÕES, 2006, p. 16).

Diante disto, percebe-se a influência que a leitura exerce na vida de uma criança, no seu desenvolvimento emocional, social, intelectual, cognitivo, e demais. Por este motivo, deve professores com suas estratégias e métodos eu favoreçam o aprendizado, como também a necessidade de desenvolver atividades diversificadas de leitura e escrita, as quais devem ser planejadas por estes especialistas, e aplicadas de forma ética e divertida no ensino-aprendizagem dos alunos, na busca de despertar o prazer em ler e escrever.

Assim, estas atividades, devem estar presentes diariamente na vida de tais alunos, tanto no contexto formal, quanto no contexto não formal. Pois, analisa-se, o quanto a leitura é necessária no dia-a-dia, para o desenvolvimento dos alunos.

Quadro 09- O lúdico é trabalhado como metodologia para a aprendizagem das crianças? Justifique sua resposta.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Sim. É importante quando objetiva-se a aprendizagem.
P2	Sim. Músicas, teatros, desenhos, jogos, brincadeiras de diversos tipos, a fim de fazer que a criança adquira conhecimentos, aprenda a ler e escrever. Pois quem sabe ler, também escreve e vice-versa.
P3	O lúdico é a motivação. Quando a criança brinca e aprende, se sente feliz e motivada a fazer as atividades. O lúdico é algo primordial no desenvolvimento da leitura e escrita.
P4	Sim. Histórias contadas com fantoches e encenações teatrais são muito importantes nesse processo.
P5	O lúdico é importante, pois a criança gosta de jogar, brincar e tudo o que ela ama fazer e são fascinadas se utilizarmos a fim da educação, o aprendizado acontece.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

Ao mencionar o lúdico como metodologias, todos os professores responderam que a ludicidade é importante quando objetiva-se a aprendizagem. São utilizadas músicas, teatros, histórias com fantoches, jogos e brincadeiras diversos. Pois, o lúdico é motivação, algo primordial para o desenvolvimento da escrita e da leitura. Além de ser atividades que as crianças gostam de fazer e proporcionam fascinação.

Segundo Vygostky (1998), a ludicidade proporciona uma relação recíproca, na qual, a criança desenvolve-se em um contexto de interação social, quando as informações ou experiências são internalizadas; assim reestrutura as ações sobre os objetos, reorganizando o plano interno e resultando em transformações mentais. Diante desta colocação, observa-se que a convivência social e sua interpretação, são questões fundamentais para desenvolvimento do ser humano.

O modo como o professor utiliza as metodologias de ensino pode interferir no aprendizado e na futura formação dos seus alunos. Desse modo, ao se analisar as metodologias empregadas, pode-se ter um indicador do nível de conhecimento sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita e das dificuldades geradas, que podem ser sanadas através de práticas pedagógicas diferenciadas. À seguir, a questão sobre como superar os desafios educacionais nas séries iniciais, relativas à escrita e leitura.

Quadro 10- Como superar os desafios educacionais nas séries iniciais ao tratar-se da escrita e oralidade.

PROFESSOR(A)	RESPOSTA
P1	Precisa-se de um conjunto para superar os desafios. A começar por uma equipe pedagógica efetiva e professores com estrutura e materiais pedagógicos diferenciados.
P2	Supera-se os desafios, buscando recursos para o aprendizado, utilizando-se de práticas educativas, estratégias com eficiência e se apegando à equipe de coordenação pedagógica para a orientação em busca do aprendizado.
P3	Não há receita pronta para superar esses desafios, mas acredito que a perseverança, foco no trabalho, busca de metodologias e a prática diária já ajuda bastante e superá-los.
P4	Focando nas habilidades das crianças e incentivando suas produções escrita e leituras.
P5	Com qualificação, responsabilidade, equipe de apoio pedagógico presente, ajuda dos pais e demais situações que a educação exige para acontecer.

Fonte: Professores da EMEF São Tomé em Itaituba- Pará/2018

Ao abordar os desafios a serem superados sobre a escrita e a leitura nas séries iniciais, os pesquisados responderam que precisa-se de um conjunto para superar, como também de uma equipe pedagógica efetiva e professores com estrutura e materiais diferenciados. Também afirmaram que é preciso buscar recursos, estratégias, orientação pedagógica.

Afirmaram ainda que não há receita pronta para esta questão, mas com perseverança, foco no trabalho, busca por metodologias, prática diária; qualificação, responsabilidade, ajuda dos pais e apoio pedagógico, a educação poderá acontecer.

Assim, “O aluno não comete ‘erros’ de maneira irrefletida, mas justamente o contrário: todos os enganos demonstram um uso inadequado de recursos possíveis do próprio sistema ortográfico de escrita”. (CAGLIARI, 2002, p. 124). Em todo o processo educacional, é preciso que o professor/educador tenha consciência e clareza do que está ensinado, de modo a levar o aluno a refletir positivamente sobre o conhecimento apresentado.

A escrita precisa ser apresentada a criança como um instrumento que tem uma função social: a função de expressar ou comunicar, ideias e sentimentos, ou seja, é um equívoco pensar que o ensino dos aspectos técnicos da escrita para a criança permite-lhe aprender a escrever e ler conforme requer o uso da escrita nas diversas situações sociais em que é utilizada. (VYGOTSKI, 2001, p. 156).

Portanto, é importante acrescentar, que o processo de mediação do

professor é muito significativo, ainda mais quando se trata dos anos iniciais do ensino fundamental, e de alunos em processo de leitura e escrita, onde o trabalho tem que ser mediado em dobro, pois é o início da vida da criança no contexto escolar, da fase do ensino-aprendizagem e da aquisição da linguagem formal, constituindo a principal identidade do ser humano.

3.5 PROPOSTAS DE INTERVENIÊNCIAS

A pesquisa sobre os desafios da escrita e oralidade nas séries iniciais realizada na EMEF São Tomé em Itaituba- Pará, veio corroborar que esta, é uma questão que precisa ser revista com metodologias e todo um acompanhamento, tanto da escola quanto das famílias, pois estas não estão tão presentes como deveriam para contribuir com a educação e escolarização e seus filhos.

Mediante este resultado, fez-se necessário a sugestão de algumas propostas para intervir nesta situação com o propósito de contribuir para uma melhor qualidade na questão descrita.

- Utilizar metodologias mais atrativas que facilitem o aprendizado das crianças.
- Elaborar e desenvolver projetos de oficinas para a alfabetização e letramento.
- Inserir os pais no ambiente escolar através de eventos realizados.
- Trabalhar a ludicidade, como metodologia atrativa e fascinante objetivando o ensino aprendido.

Diante destas propostas, busca-se uma educação escolar com mais resultados, condizente à escrita e oralidade das crianças que estudam nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada na EMEF São Tomé em Itaituba- Pará, sobre os desafios e dificuldades da escrita e oralidade nas séries iniciais, realizada em novembro de 2018, veio afirmar que são diversas as dificuldades existentes, a partir das crianças que não conseguem ler e nem escrever com eficiência, identificar fonemas, falta de materiais didáticos e apoio pedagógicos. Há a presença de aparatos tecnológicos, que por vezes desviam a atenção dos alunos, por ser novidade e mais prazeroso.

A escola, ainda não está preparada para a alfabetização dos alunos, pois com superlotação, faz ainda necessário um auxiliar para o professor, quem não tem apoio e nem a presença da família, além de não ter de forma acessível, recursos e salas adequadas.

As metodologias são diversas, na medida do possível, pois só o profissional da educação tem possibilidade de desenvolver para o melhor ensino aprendizagem. Atividades coletivas também são trabalhadas, como oficinas, brincadeiras e jogos de modalidades diferentes, consistindo na aplicação do lúdico que pode fazer a diferença. As práticas pedagógicas são eficazes, mas requer disciplina, motivação e empenho e somente o professor tem a capacidade de desenvolvê-las.

O lúdico também na trabalhado na escola, quando objetiva o ensino aprendizagem, pois são atividades primordiais que os alunos têm o prazer de fazer e proporcionam motivação e fascinação.

Para superar tais dificuldades, não há receita; pois, é preciso um conjunto de habilidades que possam favorecer o ensino aprendizagem na oralidade e escrita das crianças, que necessitam destes conhecimentos para sua identidade intelectual, profissional, social e pessoal.

Portanto, a aprendizagem da oralidade e da escrita, nas séries iniciais, no período da alfabetização no que se refere ao processo escolar, está ligado de maneira concreta ao desenvolvimento da criança, às figuras importantes desta fase, tais como escola, professores, ambiente, condições emocionais. Grande número de alunos apresenta problemas de aprendizagem, acarretando consequências como reprovação, abandono das aulas e até mesmo alterações psicológicas gerando deficiência na autoestima.

REFERÊNCIAS

ALIENDE, F. (Org.). **A leitura: Teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ÁRIÉS, Ph. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua portuguesa. Brasília: 1998.

BERBERIAN, Ana Paula. **Psicogênese da Linguagem oral e Escrita**. IESDES, Curitiba, 2009.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. 10. Ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CARVALHO, Silvana Oliveira. **A importância da leitura e da produção textual na proposta das séries iniciais**. In: Caderno de aplicações. Porto alegre, 2006

CHOMSKY, Noam . **A Linguagem e social**. Editora: Futura, 1981

COSTA, Marta Moraes da. **Literatura, Leitura e Aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil/A. 2008.

FIORIN, Luis. **Gêneros textuais e Linguagem**. Ed. Contexto, São Paulo, 2008

FERREIRO, Emília. **Letramento e Alfabetização em voga**. Ed. Segmento, São Paulo, 1985

FILATRO, A. **Fatores da psicolinguística**. Ática, São Paulo, 2008

FILGUEIRAS, Ana Cecília. **Patologia e Normalidade no processo de Aquisição da Linguagem**. CULTRIX, Curitiba, 2002

FREIRE, Paulo. **Família e escola: Em busca da formação do leitor**. São Paulo: Cortez, 1992.

GARANHANI, M. C. **A Docência da Educação Infantil**. IN: SOUZA, G. de. (org.) **Educar na Infância: perspectivas histórico-sociais**. São Paulo: Contexto, 2010.

GUIMARÃES, Valter S. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

KUHLMANN Jr. Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KRAMER, Sonia. **Com a pré-escola nas mãos - uma alternativa curricular para a educação infantil**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos.; Oliveira, João F.; Toschi, M.S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de textualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MILANEZ, V. **Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português**. Campinas, SP: Sama, 1993.

PIAGET, J. **O Direito à Educação no Mundo Atual**. In: _____. **Para onde vai a educação?** Trad. Ivette Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967

PRONCKO, L. **Comportamento e Linguagem**. Editora da UFMG, Minas Gerais, 1946.

POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática, ALB. Mercado de Letras, 2003.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

SANTANA, Carlos. **Psicolinguística e ensino do português**. Ed. Ática, São Paulo, 2010

SANTOS, M.T.M.; NAVAS, A.L.G.P. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem escrita**. In: SANTOS, M.T.M.; NAVAS, A.L.G.P. (Org.). **Distúrbios de Leitura e Escrita –Teoria e Prática**. Manole: Petrópolis, 2012.

SILVA, C. L. C. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem**. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) –Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVEIRA, J.A. M. **Estudo da Deficiência Auditiva em crianças submetidas a exames de potenciais auditivos: etiologia, grau de deficiência e precocidade diagnóstica.** 1992.

SIMÕES, D. **Consideração sobre a fala e a escrita: Fonologia em nova chave.** São Paulo: Parábola, 2006.

SKINNER, B.F. **Verbal behavior.** Cambridge. MA: Prentice Hall; 1964

SOARES, Magda Becker. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** 2008
Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/outrotestos/semagdasoares.doc>>
Acesso em: 30 dez 2018

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita.** 2ª ed. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa.** - 1ª Edição. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A pré-história da linguagem escrita.** In: _____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICES

**FACULDADE DE ITAITUBA- FAI****CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- LTDA.**

Este questionário é parte integrante do trabalho de Conclusão de Curso de pedagogia, da Faculdade de Itaituba- FAI... e aborda a temática: “Desafios da Escrita e Oralidade nas séries iniciais”.

Questionários para os professores.**Identificação:**

Sexo: _____ Idade: _____ Tempo de trabalho na educação:

Tempo de trabalho nesta escola:

Graduação:

Pós- graduação:

Trabalhou em outra escola? _____ Quanto

tempo? _____

- 1- Você tem dificuldades para ensinar a leitura e escrita para as crianças? Comente.

- 2- A escola está preparada para a alfabetização de seus alunos? Fale sobre.

- 3- Quais metodologias são mais utilizadas nas aulas de escrita e oralidade?

- 4- Os pais contribuem com a educação dos filhos? Justifique sua resposta.

5- Quais tipos de atividades coletivas são promovidas para o ensino aprendizagem da escrita e oralidade dos alunos?

6- Quais são os desafios dos professores para o ensino aprendizagem das crianças, condizentes à escrita e oralidade?

7- As crianças já apresentam uma oralidade concebida no ambiente familiar, eficaz para ser complementada no ambiente escolar? Comente.

8- Faz-se necessário uma prática pedagógica docente, com eficiência para que a criança tenha conhecimentos de leitura e escrita nas séries iniciais? Fale sobre.

9- O lúdico é trabalhado como metodologia para a aprendizagem das crianças? justifique sua resposta.

10- Como superar os desafios educacionais nas séries iniciais ao tratar-se da escrita e oralidade.

Obrigada!